

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**O ESPÍRITO SANTO NA PATRÍSTICA: O PENSAMENTO E DESENVOLVIMENTO
TEOLÓGICO DOS PADRES CAPADÓCIOS SOBRE O ESPÍRITO SANTO**

FELIPE MATOS OSVALDO

SÃO PAULO

2021

FELIPE MATOS OSVALDO

**O ESPÍRITO SANTO: O PENSAMENTO E DESENVOLVIMENTO TEOLÓGICO
DOS PADRES CAPADÓCIOS SOBRE ESPÍRITO SANTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito final no curso de Bacharel em
Teologia da Faculdade Teológica Batista de
São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Emmanuel Athayde

SÃO PAULO

2021

OSVALDO, Felipe Matos

O Espírito Santo: O pensamento e Desenvolvimento
teológico dos Padre Capadócius sobre o Espírito Santo.
São Paulo – 2021

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia)

Faculdade Teológica Batista de São Paulo, 2021.

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

FELIPE MATOS OSVALDO

**O ESPÍRITO SANTO: O PENSAMENTO E DESENVOLVIMENTO TEOLÓGICO
DOS PADRES CAPADÓCIOS SOBRE ESPÍRITO SANTO**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Emmanuel Athayde – Orientador

Prof. (titulação) (nome do professor por extenso) – Leitor

SÃO PAULO

2021

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Francisco e Ivani,
que me instruíram nos caminhos do evangelho.

A minha esposa Joice Matos,
que tem sido uma constante bênção em minha vida.

A minha filha: Louise Matos,
Por ser a minha motivação e alegria

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela força, consolo, sabedoria e amparo.

Agradeço a minha esposa que suportou essa carga junto comigo, sendo tolerante e compreensiva nessa jornada.

Agradeço a minha filha, que é minha motivação para não desistir.

Agradeço ao Professor Emmanuel Athayde, por ser meu orientador, por compartilhar comigo seu conhecimento e pela paciência nos momentos de orientação.

À minha Igreja, por me apoiar.

Esforce-se sempre para receber a aprovação do Deus a quem você serve. Seja um bom trabalhador, que não tem de que se envergonhar e que ensina corretamente a palavra da verdade.

2 Timóteo 2:15

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo mostrar o desenvolvimento do pensamento teológico dos Padres Capadócios, Basílio de Cesaréia, (330 – 379 d.C.), Gregório de Nazianzo, (329 – 389 d.C.) e Gregório de Nissa (330 – 395 d.C.) acerca dos debates teológicos sobre a divindade do Espírito Santo. Mostraremos como as questões cristológicas que aqueceram os debates teológicos no século VI, esclareceram a divindade de Jesus Cristo como sendo da mesma essência do Pai e do Espírito “*Homoousia*” Nos primeiros séculos, os debates a respeito do Espírito Santo não tiveram prioridade, devido as heresias, como docetismo, gnosticismo e arianismo distorcerem a figura da Segunda Pessoa da Trindade, ou seja, Jesus Cristo, deixando para segundo os debates pneumatológicos. A partir deste período, os Padres Capadócios trouxeram grandes contribuições teológicas para o desenvolvimento da doutrina do Espírito Santo, resultando na doutrina da Trindade, pelo Concílios em Constantinopla em 381.

Palavra-chave: Espírito Santo, Padres Capadócios, Trindade, cosmovisão

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1 – Contexto Histórico e Religioso	16
1.1 Pano de Fundo histórico	16
1.2 Controvérsia Ariana	21
1.3 Os Padres Capadócius	25
1.4 Basílio de Cesareia	26
1.5 Gregório de Nissa	27
1.6 Gregório de Nazianzo	28
Capítulo 2 – Os Pensamento Teológicos dos Padres Capadócius	31
2. Introdução ao Pensamento dos Padres Capadócius	31
2.1 Reflexões de Basílio de Cesareia sobre o Espírito Santo	32
2.2 Reflexões de Gregório de Nissa sobre o Espírito Santos	36
2.3 Reflexões de Gregório de Nazianzo sobre o Espírito Santo	41
2.4 Contribuições Teológicas dos Padres Capadócius para os Debates Pneumatológicos.....	44
Capítulo 3 – Consequências dos Debates sobre o Espírito Santo	46
3. Contribuições do Concílios Ecumênicos	46
3.1 As Escolas de Alexandria e Antioquia.....	47
3.2 Concílio convocado em Constantinopla, 381 d.C.....	49
3.3 Concílio de Éfeso 431 d.C.	52
Considerações Finais	56
Referências bibliográficas	59

Introdução

Este trabalho tem como objetivo mostrar o desenvolvimento do pensamento teológico dos Padres Capadócius, Basílio de Cesaréia, (330 – 379 d.C.), Gregório de Nazianzo, (329 – 389 d.C.) e Gregório de Nissa (330 – 395 d.C.) acerca dos debates teológicos sobre a divindade do Espírito Santo.

A proposta da pesquisa tem por objetivo esclarecer algumas questões que são pertinentes para a compreensão do tema. 1. Quem são os Padres capadócius, e qual contexto estão inseridos? 2. O que influenciou os Padres Capadócius a escreverem e validarem a divindade do Espírito Santo? 3. Quais Heresias a respeito do Espírito Santo foram combatidas pelos Padres Capadócius? 4. O que os Padres Capadócius falaram sobre o Espírito Santo? 5. Como os Padres capadócius relacionavam o Espírito Santo com a figura do Pai e do Filho? Se possuem a mesma essência e atributos. 6. Quais foram as consequências das reflexões teológicas dos Padres Capadócius para os concílios de Constantinopla 381 d.C, Éfeso 431 d.C.

Embora, no início ainda não tivesse uma leitura afinada dos Padres Capadócius, o que ocorreu no decorrer da pesquisa, partiu-se do conhecimento prévio que Basílio de Cesareia, tem uma obra escrita intitulada: *Tratado Sobre o Espírito Santo*, sendo este um escrito extremamente relevante para as definições teológicas sobre o tema.

O Concílio de Nicéia, 325 d.C, foi um momento muito importante para a história da Igreja, em que ficou afirmado a igualdade entre Pai e o Filho, no entanto o Concílio não foi preciso em suas decisões, sendo necessário uma revisão nas afirmações sobre a divindade do Filho, pois logo após esse Concílio ainda pairava nos ares as reflexões teológicas de Ário. Porém, foi um passo importante para a compreensão teológica da Co-igualdade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. No entanto, como não houve uma afirmação clara que se afirma que o Espírito Santo era plenamente Deus, igual ao Pai e ao Filho, abriu-se espaço para o surgimento de heresias que, questionavam a co-igualdade das Três Pessoas.

É a partir desse momento, após o Concílio niceno, que a pessoa do Espírito Santo começa a ganhar destaque nas discussões teológicas, na tentativa de validar a

co-igualdade entre Pai, Filho e Espírito Santo. Os debates teológicos nos três séculos anteriores, focavam seus esforços na co-igualdade entre Pai e Filho, concentrando os esforços das discussões nas heresias que surgiam, como o gnosticismo “cristão”, arianismo e docetismo, entre outras. Com tanta tensão nos debates, não havia espaço e nem tempo para a iniciar as discussões sobre da divindade do Espírito Santo¹.

Após esses problemas cristológicos serem solucionados, em 325, o desenvolvimento da doutrina da Trindade passa a ganhar forma e espaço dentro desse período pós Concílio.

Com a confirmação da divindade do Espírito Santo, sendo ela ressaltada e confirmada pelo Concílio de Constantinopla em 381, os Padres Capadócius elucidaram a doutrina do Espírito Santo e abriram as portas para formar a doutrina da Trindade, como afirma Alister McGrath.

Os capadócius desempenharam um importante papel no estabelecimento da plena divindade do Espírito Santo. Isso foi endossado pelo Concílio de Constantinopla, em 381. Uma vez dado esse passo decisivo, o caminho estava aberto para a completa declaração da doutrina da Trindade. Com o reconhecimento da identidade da substância do Pai, Filho e Espírito Santo, a porta estava aberta a Exploração de seus relacionamentos mútuos no âmbito da Trindade.

Sabe-se que no século IV, uma grande heresia ganhava força e crescia rapidamente, mesmo sendo rejeitada em 325 pelo concílio de Nicéia, e seu fundador excomungado da Igreja. Ário foi o desenvolvedor do pensamento herético conhecido como arianismo, que negava a eternidade de Jesus, sendo ele criado pelo Pai, portanto, Jesus não é divino e coeterno como o Pai. Mesmo que a discussão a respeito do Filho em relação ao Pai já se encaminhava para uma conclusão, percebe-se que a problemática sobre o Espírito Santo estava apenas começando, com a mesma base de pensamento a respeito da relação do Pai e Filho, grupos que se denominavam como Macedonianos e Pneumatômacos², liderados por Eustáquio de Sebasta³, que seguiam a mesma linha de pensamento do arianismo, criticavam a ideia

¹ MCGRATH, 2005 p. 36

² MCGRATH, 2005, p. 364; “*Pneumatômacos*” ou “*pneumatomachoi*”, conhecidos como opositores ao Espírito Santo, liderados por Eustáquio de Sebasta. Esse grupo entendia que o Espírito Santo e sua obra não deveriam ser consideradas, ou lhe atribuisse algum status divino.

³ FELIX, Pe.Élcio Rubens Mota, “*A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo*”, no século IV d.C. Revista de Cultura Teológica - v. 20 - n. 80 - OUT/DEZ 2012 esses grupos eram conhecidos como “Combates”

de correlação igualitária entre Pai, Filho e Espírito, crendo que o Espírito se originou do Filho, sendo ele inferior ao Pai e ao Filho.

Em uma leitura introdutória sobre a temática, fica evidente a defesa dos Capadócijs na unidade plena da Trindade, sem qualquer distinção de natureza ou atributo. Basílio de Cesareia mostrou que a expressão bíblica “por meio do qual” (Rm 6.4; 2Tm 1.14) é aplicada ao Pai, Filho e Espírito Santo, ou seja, a mesma glória que pertence ao Pai, também pertence ao Filho e Espírito Santo⁴.

Gregório de Nazianzo chama a atenção para uma questão importante quanto ao uso da expressão “Santo”. Gregório traz a reflexão de que essa santidade não é resultado de nenhuma fonte externa, mas que emana do próprio ser, e que o Espírito não é aquele que precisa ser santificado, mas a santificação provém dele próprio.

Para Gregório de Nissa, as três pessoas devem ser distinguidas pela origem e não pela essência. Ele ensina que o Espírito Santo procede do Pai e recebe do Filho; o Espírito não pode ser separado do Verbo. Logo, fica evidente em suas reflexões teológicas que, o Espírito Santo deve ser incluído entre as coisas que vieram à existência através do Verbo. Entretanto, do modo como foi colocada pelos Padres Capadócijs, a ideia da dupla processão do Espírito Santo do Pai através do Filho perde todo o traço de subordinacionismo, pois sua exposição é um reconhecimento sincero da consubstancialidade do Espírito Santo.

Diante das controvérsias apresentadas, os Padres Capadócijs e suas reflexões sobre o Espírito Santo foram de grande importância não somente para o período em que estavam, mas conseqüentemente para os concílios ecumênicos que formularam seus credos a partir do credo niceno dando origem a doutrina da Trindade. É importante destacar que suas reflexões teológicas ainda persistem firme em nossos dias, onde podemos compreender que a Trindade não é simplesmente uma matéria a ser estudada na academia, mas evidenciam a relação pessoal entre o Trino e o homem, como afirma Millard J. Erickson⁵.

Geralmente pensamos a respeito do Pai como transcendente e longe lá no céu; de forma semelhante, O Filho pode parecer distante na história e assim também relativamente incognoscível. No entanto, o

⁴ Disponível em: <https://domtotal.com/noticia/969648/2015/12/o-espírito-santo-e-o-sao-basilio-de-cesareia/> Acessado em: 20 Jul, 2021.

⁵ ERICKSON, 2015 p.810

Espírito Santo está ativo na vida dos crentes; ele habita em nós. Ele é a pessoa específica da Trindade por meio do qual o Deus Trino e uno age em nós atualmente.

O interesse pela pesquisa surgiu em uma aula sobre a história da teologia, onde foi abordado como que se desenvolveu o pensamento teológico sobre o Espírito Santo. Percebi então que há uma ausência nos primeiros séculos sobre a temática, sendo o Espírito Santo apenas reverenciado, ou considerado como um ser criado, ou gerado pelo Filho, mas não uma afirmação precisa da sua divindade, sendo que os grandes debates e discussões teológicas se concentravam na pessoa do Pai e do Filho como citado acima, porém, a partir dos Padres Capadócius a doutrina ganha forma, tendo então grande relevância para as reflexões teológicas no período, desencadeando na formulação da doutrina da Trindade, com aprovação no concílio em Constantinopla, 381 d.C.

Esta pesquisa tem por objetivo, mostrar o que os Padres Capadócius pensavam sobre o Espírito Santo, e qual a relação entre o Pai e o Filho. Sabemos que não havia interesse na discussão sobre a divindade do Espírito Santo⁶. E como objetivos específicos busca-se:

- Conhecer quem são os Padres Capadócius, e qual contexto estão inseridos.
- Mostrar que correntes filosóficas e heréticas, tiveram que ser combatidas pelos Capadócius.
- Mostrar a relação de igualdade há entre Pai, Filho e o Espírito Santo.
- Conhecer quais foram as consequências das reflexões teológicas dos Padre Capadócius para os concílios de Constantinopla e Éfeso.

Esta pesquisa contemplará três capítulos centrais para a compreensão do tema. No capítulo 1, utilizaremos as obras de Earle E. Cairns, *O cristianismo através dos séculos; Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica* de Alistes Mcgrath e a obra de J.N.D Kelly, *Patrística, origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. Estas obras basilares nos guiaram para a compreensão do contexto no qual viveram os Padres Capadócius, e para o conhecimento de cada Padre Capadócio.

Para o capítulo dois, as obras basilares são: Alderi de Souza, *Fundamentos da teologia histórica; Contra as Heresias*, de Irineu de Lyon, Jaroslav Pelikan, *A tradição*

⁶ MCGRATH, 2005, p. 364

cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina. Vol. 14, Basílio de Cesareia - *Homília sobre Lucas*, Vol. 12, *Homílias sobre o Espírito Santo*, Vol. 29, Gregório de Nissa - *A Criação do Homem, A Alma e a Ressurreição, A Grande Catequese*, Gregório de Nazianzo, *Autobiografia de São Gregório de Nazianzo*, Tradução de Diogo Chiuso - Campinas, SP: Ecclesiae, 2012

Estas obras nos ajudarão a entender quais foram as linhas de reflexões teológicas dos Padres capadócius sobre o Espírito Santo.

No último capítulo, as obras de Basílio de Cesareia, *Tratado sobre o Espírito Santo*; Louis Berkhof, *História das doutrinas cristãs*; Hubert Jedin, *Histórias dos Concílios Ecumênicos, História de doutrinas*. Giuseppe Alberigo. *História dos Concílios Ecumênicos*.

Este trabalho de pesquisa será estruturado em três capítulos, onde mostraremos o desenvolvimento da pesquisa da seguinte maneira.

Capítulo um - O Contexto histórico e religioso dos Padres Capadócius.

Neste capítulo descreveremos o contexto histórico dos Padres Capadócius, no período de 330 a 395 d.C. e uma apresentação biográfica de cada um dos Padres Capadócius, e quais foram as principais linhas de pensamentos filosófica e heréticas para o período, que motivaram os Capadócius a combater e elucidar sobre a divindade do Espírito Santo.

É muito importante conhecermos o pano de fundo histórico dos Padre Capadócius, para uma melhor compreensão de suas abordagens teológicas sobre o tema proposto. Pois sabemos que as tensões e discussões teológicas contra os diversos movimentos heréticos se multiplicavam rapidamente na esfera eclesiológica, culminando em acirrados debates neste período, mesmo depois de muitas dessas heresias já sendo descartadas da doutrina da Igreja.

Dentro do capítulo dois - Os Pensamento Teológicos dos Padres Capadócius descreveremos quais foram os principais argumentos utilizados pelos Padres Capadócius para a defesa da divindade do Espírito Santo e quais foram os caminhos percorridos por eles para a conclusão da tal defesa.

No capítulo três - Consequências dos Debates sobre o Espírito Santo, após as argumentações sobre as questões da defesa e debates sobre o Espírito Santo,

buscaremos refletir nas conclusões alcançadas pelos concílios de Constantinopla e Éfeso, mostrando a importância que os Padres Capadóciolos tiveram nas decisões tomadas por estes concílios.

Capítulo 1 – Contexto Histórico e Religioso

1.1 Pano de Fundo histórico

O cristianismo ao longo de sua história, sempre sofreu com obstáculos internos e externos. Os hereges dos primeiros séculos, fragmentavam o cristianismo com as mais variadas ideias de interpretação, difundindo um evangelho completamente distorcido dos ensinamentos dos apóstolos. Problemas esses que a Igreja teve que combater, para conservar a sua mensagem íntegra e pura.

As controvérsias que se levantaram ao longo de sua história, por exemplo: a controvérsia ariana, que veremos a seguir, teve seus fundamentos nas diversas correntes filosóficas e religiosas que se associavam ao cristianismo. A teologia podia ser entendida e dividida em duas linhas, vertical e horizontal. Na linha vertical seria a relação da Igreja com Estado, e na linha horizontal, sua relação com a população. As Igrejas ocidentais se desenvolveram de forma independentes das Igrejas orientais refletindo as mudanças diretamente em seus credos e liturgias. Irineu de Lyon (130 – 202 d.C.) e Tertuliano (160 – 220 d.C.) claramente mostram que suas reflexões teológicas estão limitadas às Sagradas Escrituras, mostrando em até certo ponto uma certa hostilidade contra as filosofias que emergiam em seu período, como o gnosticismo⁷.

Em uma outra perspectiva encontramos Clemente (150 – 215 d.C) e Orígenes (185 – 253) dividindo o cristianismo em duas correntes de pensamentos em que, o primeiro seria um tipo de cristianismo inferior, onde os fiéis se baseavam exclusivamente na fé, tendo sempre como ponto de partida a interpretação das Escrituras, sendo essas verdades absolutas para a doutrina. O segundo grupo seria um cristianismo superior, esses grupos eram descritos como “*gnoses*”, esse grupo compreendia a Bíblia a partir dos textos sagrados, mas sempre buscava-se encontrar algum outro tipo de conhecimento além do que estava escrito.⁸

A maneira de viver dos cristãos também ganha destaque na sociedade romana. Em uma cultura aristocrata, logo, os problemas sociais começaram a surgir com a crescente expansão do cristianismo nos primórdios de sua história. Roma era um império de estrutura aristocrata, que poucos eram privilegiados por suas posses,

⁷ KELLY, 1994, p. 4

⁸ Idem, 1994, p. 4

sendo esses poucos privilegiados donos de escravos, e opressores dos pobres. E com a nova maneira de pensar, e uma filosofia de igualdade, o cristianismo levantou a questão e começou a interferir nesse pensamento pagão a fim de acabar com a desigualdade entre os homens (Cl 3.11).

Além desses problemas internos, que estão relacionados as doutrinas das Escrituras Sagradas, os problemas externos também contribuíram como obstáculos para a expansão do cristianismo, como também em suas reflexões teológicas.

Dentro deste período da história, a Igreja teve que suportar as violentas tentativas do estado romano para erradicar por completo o cristianismo. Até o ano 250 d.C, o cristianismo apenas tinha problemas locais e com alguns judeus e com algumas perseguições impostas pelo estado em alguns momentos específicos, que tentavam de alguma forma eliminar essa seita que havia se originado do judaísmo.⁹

Logo ficou evidente que, com a rápida expansão do cristianismo no império, passou a entender que os cristãos estavam formando uma nova religião, ou até mesmo planejando um novo estado dentro do estado vigente, devido algumas atitudes dos cristãos que, dentro da ótica romana era considerada crime, como por exemplo, os cristãos passaram a rejeitar a soberania e devoção a César, pois o cristianismo exigia de seus fiéis exclusiva devoção, logo, quando era preciso optar entre a lealdade a Cristo e a lealdade a César, os cristãos rejeitavam claramente sua lealdade a César¹⁰.

Quando Diocleciano (244-311 d.C) assume o poder em 284 d.C, uma de suas primeiras ordens foi o rompimento da “diarquia do principado”¹¹, em 285. Roma precisava recuperar a sua glória que, em atuais tempos já não desfrutava de prestígio e respeito, principalmente sobre questões religiosas. A partir do ano 303, Diocleciano começa a promulgar os primeiros editos contra os cristãos, e a partir desse momento o cristianismo passaria a ser considerado uma atividade criminal, sob pena de morte.

Esse foi o período mais violento que a Igreja teve que suportar. Todos os seus bens eram confiscados, eram diariamente lançados as feras, torturados das mais variadas forma, conforme a mente humana tivesse criatividade. John Foxe, relata algumas informações sobre esse período.

⁹ CARLINS, 2015 p.79

¹⁰ CAIRNS. , 2015 p. 73, 75

¹¹ CAIRNS. E. Earle *O Cristianismo Através dos Séculos*, 2015 p. 79, “Diarquia do Principado, foi a transição de uma república vigente desde 27 a.C, para um regime totalitário, concedendo poder ilimitado ao imperador.

O nome “cristão” era tão odioso para os pagãos que todos indiscriminadamente eram acusados. Muitas casas foram incendiadas e famílias cristãs inteiras pereceram nas chamas; outros tiveram pedras amarradas ao pescoço e, atados uns aos outros, foram lançados ao mar. A perseguição se generalizou por todas as províncias romanas, principalmente no Leste. Por ter-se prolongado pelo período de dez anos, é impossível dizer ao certo quantos martírios ocorreram ou descrever as diferentes formas de execução. (FOXÉ, 2020, p. 47).

Em 311 d.C, Galério sucessor de Diocleciano, promulga um edito que estabelece tolerância ao cristianismo, mas a perseguição não cessa por completo. Somente a partir de 313 d.C, Constantino sendo o atual imperador, assina o edito de Milão, encerrando com as perseguições aos cristãos.

Constantino foi o responsável por entender que o cristianismo não era a inimiga do estado, talvez essa atitude tenha surgido após a sua visão da cruz, que lhe concedeu a vitória contra os seus inimigos. Mas, também permitiu que outras religiões pagãs pudessem coexistir.¹²

Durante o seu governo, Constantino fez diversas reformas religiosas e governamentais como exigir que todas as autoridades eleitas pelas Igrejas, como bispos, tivessem a aprovação do estado, pois a Igreja agora deveria reportar todas as questões administrativas para o império. Alguns anos depois fundou a sua própria capital, Constantinopla em 330 d.C.

Antes de abordarmos a controvérsia ariana, principal heresia combatida pelos Padres Capadóciolos no século IV, é importante pensarmos um pouco sobre as expressões “paganismo e heresia” para compreender como essas expressões se articulavam no mundo antigo.

Com o paganismo ainda vigente no período, diversas correntes teológicas começaram a surgir, distorcendo e fragmentando o cristianismo em diversas correntes filosóficas. Antes de abordarmos sobre as heresias que emergiram no século IV, cabe aqui uma melhor definição para paganismo.

Por volta de 500, o cristianismo é ainda essencialmente uma religião das cidades (e bastante imperfeita, pois, por exemplo, em 495, ainda são celebradas em Roma as Lupercais, festas pagãs de purificação, ao longo das quais os jovens aristocratas correm nus através da cidade). Para se ter uma idéia, basta saber que é então que a palavra “pagão” ganha o sentido cristão que conhecemos ainda hoje. No entanto, como sublinha a História contra os pagãos de Orósio, “pagão” (paganus) é também o homem do pagus, o camponês. Assim, o politeísmo antigo é considerado uma crença de homens rurais atrasados. Ele não somente é uma ilusão “fora de moda”, como já o havia dito Constantino, mas, além disso, é um resquício rural, objeto

¹² CAIRNS, 2015. p. 80

de desprezo dos cidadãos. Para os cristãos, os deuses antigos existem, mas são demônios, que é preciso caçar. A expulsão dos demônios encontra-se, então, no centro de toda narrativa de propagação da fé cristã contra o paganismo. (BASCHET, 2006, p. 67)

Fica evidente pelo autor citado que, o paganismo era considerado pelos cristãos uma prática religiosa que compete no exercício da adoração a diversas entidades consideradas divinas, por alguns grupos da sociedade. É importante notar que, o paganismo vivia lado a lado com o cristianismo e que em alguns momentos de seu desenvolvimento acabou misturando-se com as religiões pagãs, surgindo as mais diversas heresias.

O paganismo clássico persistiu até o século VI e outros importantes cultos pagãos incluíam os deuses teutônicos dos povos germânicos e o Aesir dos vikings. O avanço do Cristianismo flutuou e toda a Europa, com ocasionais recaídas e incursos pagãs; a Lituânia foi o último baluarte pagão, convertido em 1386. A magia e o ocultismo, frequentemente associados a religiões pré-cristãs, persistiram, porém, durante toda a Idade Média, mesmo num contexto cristão, e o Cristianismo absorveu e adaptou frequentemente locais, festividades e práticas pagãos para facilitar a conversão; a fusão inicial produziu amiúde interessantes culturas híbridas. (LOYN, 1997, p. 285)

O paganismo foi de fato um problema que deve ser considerado, que ao longo da história, o cristianismo absorveu alguns elementos pagãos, como pode-se observar em algumas obras de pagãos clássicos, como Platão e Aristóteles que geraram polêmicas teológicas (período que não é o nosso objeto de estudo). Mas é importante destacar que, por causa do sincretismo religioso com os pagãos, o cristianismo sofreu algumas metamorfoses que tiveram graves consequências.

Para que a nossa pesquisa possa trazer uma compreensão clara sobre o tema, é importante também trazer uma rápida alusão sobre a expressão “Heresias”, termo utilizado frequentemente no século VI.

Para a melhor compreensão, cabe observar as palavras de Baschet.

A heresia não existe em si e nada mais é do que aquilo que a autoridade eclesiástica definiu como tal. A própria noção de heresia (etimologicamente, “escolha”) só adquire sentido na medida em que a Igreja se transforma em uma instituição preocupada em fixar a doutrina que fundamenta sua organização e seu domínio sobre a sociedade (BASCHET, 2006. p. 222).

Podemos entender que, uma heresia é um conjunto de ideias teológicas que surgiram dentro da própria Igreja, sendo ela destacada pela doutrina dominante da Igreja, contra uma autoridade por ela constituída onde se começa a levantar questões contrárias as doutrinas estabelecidas.

Nos primeiros séculos, a Igreja combatia as heresias em virtude de conservação dos dogmas das Escrituras, não importando os interesses pessoais de cada indivíduo. No decorrer do seu desenvolvimento as heresias passaram a ser analisadas de acordo com os interesses da Igreja, caso essa “nova doutrina” trouxesse benefícios para a Igreja, esta nova corrente logo era considerada como dogma, caso ela afrontasse os ideais da instituição, considerava-se heresia e seus percursores excomungado, sendo este considerado herege pela Igreja. Como nos afirma Zerner.

O problema da heresia nasce com o cristianismo. Foi necessário mais de um século para se constituir o corpo canônico do Novo Testamento, ou a coleção dos escritos progressivamente definidos como “ortodoxos”, isto é, descendente em linha direta do ensinamento de Cristo fixado definitivamente, o que permitiu formular um credo único e intangível e fundar a Igreja universal (“católica”, em grego). Isso aconteceu por meio de inflamadas polêmicas. As divergências eram engrossadas pelas necessidades da polêmica e agravadas pela nascente instituição eclesiástica. Os vitoriosos tornaram seus opositores hereges. (ZERNER, 2002, p. 503.)

Com os argumentos apresentados, fica evidente em entender os problemas e dificuldades que a Igreja enfrentou em seus primeiros séculos (não cabe nesta pesquisa abordamos todos os problemas), mas podemos ter uma compreensão dos motivos que fizeram com que os debates teológicos sobre a divindade do Espírito Santo não fossem abordados nos primeiros séculos.

As tensões teológicas entre pagãos e cristãos estavam esquentando as discussões, por exemplo, Irineu enfrentou o gnosticismo em seu período que divergiam contra a tradição deixada pelos apóstolos. Irineu defendeu que o cristianismo deveria continuar seguindo a tradição dada pelos apóstolos, sendo que os dogmas encontrados nas Escrituras eram plenamente inspirados por Deus e que deveriam ser seguidas de forma literal, contrariando claramente as ideias gnósticas que entendiam que a tradição era fruto das ideias cristãs¹³.

As perseguições também contribuíram para a ausência de debates teológicos sobre o Espírito Santo. Além de ter que debater sobre questões relacionadas a Deus Pai e Filho, numa tentativa de mostrar que Cristo, não possui a mesma essência do Pai, sendo Jesus uma criação do Pai, existe a questão da sobrevivência, que fez que muitos assuntos não ganhassem destaque, ou espaço para os debates.

Podemos perceber que o cristianismo não cresceu dentro de um vácuo na história, pelo contrário, as questões culturais, religiosas e filosóficas estavam

¹³ MCGRATH, 2005, p. 49

caminhando junto com o cristianismo. Mesmo a teologia cristã sendo fundamentada em uma revelação singular, o cristianismo teve que conviver com o seu contexto histórico, em alguns casos, a teologia cristã se destacou por não se perverter com assimilação de outras culturas, em outros momentos, o cristianismo acabou se misturando com a cultura de sua época e sua filosofia que refletiram em graves distorções das Escrituras.

1.2 Controvérsia Ariana

O século VI com certeza se destaca por alguns eventos que marcaram a história do cristianismo, por exemplo; o primeiro Concílio ecumênico da história da Igreja, em 325, que veremos a seguir. Após as violentas perseguições contra o cristianismo, promovidas por Diocleciano e Galério (303 - 311 d.C), e no ano de 311, Diocleciano, promulgar o “Edito de Tolerância” encerrando a perseguição contra a Igreja, até que no 313 d.C, Constantino assina o edito de Milão, encerrando de uma vez por todas as perseguições contra os cristãos, legalizando o cristianismo.¹⁴

Com o Edito de Milão, a Igreja se viu livre, forte e aliada ao estado, a teologia saiu da obscuridade e passou a ser uma questão pública, porém, essa união trouxe um preço para a Igreja, em que a interferência estatal nas questões religiosas passou a ser cada vez mais frequente.

Pouco tempo depois, por volta do ano 318 d.C, novamente se levantava uma controvérsia a respeito da divindade de Cristo. Sobre a influência de Orígenes, Ário foi precursor do movimento conhecido como arianismo, onde se afirmava que Deus Pai era o soberano e eterno, no entanto, o Filho era gerado pelo Pai, sendo ele subordinado ao Pai¹⁵.

Para Ário, fortemente influenciado pela filosofia grega, ensinava que o Filho não poderia ser coeterno como o Pai, pois o Pai é imutável e perfeito sendo impossível uma encarnação, assim o “Logos” não era plenamente divino como o Pai, mas se tornando um intermediário entre o Pai e a criação. Ário tinha como objetivo refutar

¹⁴ CAIRNS, 2008, p. 80

¹⁵ MATOS, 2007. p. 58.

outras doutrinas acerca da segunda pessoa da Trindade como o modalismo e adocionismo¹⁶.

Este período foi marcado justamente pela tentativa de conservar a unidade de Deus, como sendo o único e verdadeiro Deus do universo, sendo que todas as tentativas de diminuição do Filho e do Espírito Santo são estas tentativas de manter a crença na existência de um único e verdadeiro Deus. Nas diversas formas de interpretar as Sagradas Escrituras, todo tipo, Ário ganha destaque em sua interpretação, desconsiderando a relação Bíblica das Três pessoas, na tentativa de combater o politeísmo¹⁷.

Com esta forma de interpretar as Sagradas Escrituras, o arianismo seguia firme e a cada dia alcançava mais seguidores, Alderi Matos nos traz mais algumas informações.¹⁸

Ário tinha uma personalidade carismática e conseguiu muitos seguidores dedicados. O povo cantava suas ideias nas ruas. Ele entrou em conflito direto com o seu bispo, Alexandre, que cria na plena divindade do Filho de Deus e achava que a posição ariana representava um risco para a eficácia da salvação.

Ário com toda certeza tinha como objetivo a desconstrução completa do cristianismo atacando a pessoa de Cristo e menosprezando a sua ação redentora na cruz, conseqüentemente descartando o Espírito Santo como sendo plenamente Deus. As reflexões teológicas ariana se destacam pela similaridade com outras heresias que, também tentavam atacar de forma clara e objetiva a segunda pessoa da Trindade, como por exemplo o docetismo que ensinava um Cristo não encarnado, mas somente um espírito, pois a matéria por ser tida como corrompida, e se Jesus fosse plenamente Deus, não poderia encarnar em uma matéria corrompida, pois ele seria corrompido por essa matéria, sendo incapaz de oferecer salvação, além de ser inadmissível um Deus corrompido pela matéria.

Mesmo que existam algumas nuance-as teológicas diferentes em cada pensamento herético, nota-se que, os ataques são sempre focalizados na segunda pessoa da Trindade, Jesus Cristo, a fim de mostrar que ele não é o suficiente para garantir a redenção humana.

¹⁶ MATOS, Alderi Sousa, *“Fundamentos da Teologia Histórica”*, 2007, p. 58, “Modalismo” que negava a distinção pessoal entre Pai e Filho; “adocionismo” que afirma que Jesus era um ser humano divinizado.

¹⁷ CAIRNS, 2008, p. 111

¹⁸ MATOS, 2007, p. 58

A partir destes pensamentos, o ensino cristológico passou a ser entendido e ensinado como subordinação ao Pai, onde toda a criação está submissa ao Pai, no entanto, os ensinamentos neste período não se comparavam com os ensinamentos de Sabélio que, entendia que o Pai o Filho e o Espírito Santo são apenas modalidades ou manifestações de um só Deus.¹⁹

O resultado final desse ensino foi reduzir o Filho a um semideus, se Ele transcendia infinitamente todas as outras criaturas, Ele próprio não era mais do que uma criatura em relação ao Pai. Ário não reivindicou originalidade para seus pontos de vista; ele deixou implícito que ele e Eusébio de Nicomédia eram “lucianistas”, e em outro lugar Eusébio é descrito como discípulo de Luciano. Trata-se do mártir Luciano (m. 312), que, segundo se afirma, fundou a escola catequética de Antioquia e foi aluno de Paulo de Samósata.²⁰

Diante desse cenário de grandes debates teológicos que dividiam a Igreja, e o arianismo fazendo a cada dia mais prosélitos, Constantino sabendo da controvérsia, e que as Igrejas orientais estavam se dividindo, decidiu convocar o primeiro Concílio, na cidade de Nicéia na Ásia menor em 325, a fim de colocar um fim nessa ruptura que ameaçava o cristianismo.

Constantino presidiu a sessão pessoalmente que contava com 300 bispos de toda a região oriental grega que contava com um total de 500²¹. O Concílio de Nicéia, foi o primeiro concílio ecumênico realizado pela Igreja. Mas este concílio teve como pauta principal a unidade plena do Pai e do Filho, uma discussão que já se arrastava nos primeiros séculos e que precisa de uma conclusão, como por exemplo, Tertuliano já defendia no segundo século a unidade plena da Trindade²².

Um das questões que aqueciam os debates entre os defensores da Trindade como Atanásio e os arianos, eram questões soteriológicas que na visão de Ário, Cristo não poderia salvar o homem por ser um ser criado ou um semideus. Atanásio (296-373 d.C.) foi um dos principais defensores da divindade de Cristo, onde argumentava que a cristologia de Ário era imprópria em termos de “soteriologia”, sendo esse Cristo apresentado por Ário, não poderia redimir a humanidade.

¹⁹ JEDIN, Hubert, *Concílios Ecumênicos, História e Doutrina*, 1961, p. 22

²⁰ KELLY, 2009, p. 174

²¹ MATOS, 2007. p. 59

²² CAIRNS, 2008. P. 112

Após muitos debates sobre o tema, o partido ortodoxo sobre a liderança de Marcelo de Ancira, do bispo Eustáquio de Antioquia e do diácono Atanásio, prevaleceu que, a declaração batismal da Igreja de Antioquia, proposto Eusébio, fosse convertida a expressões de fé proposto pelo Concílio que afirmava não haver subordinação.²³ “*ele é "da substância do Pai", "Deus de Deus, Luz da Luz, verdadeiro Deus do verdadeiro Deus, nato, não feito, consubstancial (homousios) com o Pai"*. Ficou decidido pelo Concílio que Jesus Cristo era “*homousios*”²⁴ (pertence a mesma essência), sendo a doutrina ariana descartada e Ário finalmente considerado herege excomungado da Igreja²⁵, como podemos ver no Credo Niceno.

Creemos em um só Deus, Pai onipotente (pantocrator), criador dos céus e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. Creemos em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai desde toda eternidade, Deus e Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não criado, consubstancial ao Pai (homousion to patri); por Ele todas as coisas foram feitas. Por nós e para nossa salvação, desceu dos céus; encarnou por obra do Espírito Santo, no seio da virgem Maria, e fez-se verdadeiro homem. Por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos; sofreu a morte e foi sepultado. Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; subiu aos céus, e está sentado à direita do Pai. De nova há de vir em glória, para julgar os vivos e os mortos; e o seu reino não terá fim. Creemos no Espírito Santo. Com referência aqueles que dizem que “o mundo as existia antes dELE” e que “antes de haver nascido Ele não existia” e que “Ele veio a existir a partir do nada” ou, ainda, que afirmam que o filho de Deus não possui a mesma substância ou natureza de Deus, ou que Ele está sujeito a alteração ou mudança – A Igreja católica e apostólica os condena (MCGRATH, 2005, p. 56)

Após esses problemas cristológicos finalmente serem brevemente resolvidos, ainda existia uma lacuna que precisava ser fechada, que o próprio Concílio não declarou categoricamente, fazendo com que a controvérsia sobre o Espírito Santo passasse a ganhar destaque. E mesmo com o credo Niceno destacando a plena igualdade entre Pai e o Filho, não há uma declaração afirmativa e clara sobre a divindade e igualdade do Espírito Santo com o Pai e o Filho. Como abordamos anteriormente, não houve debates claros sobre a Terceira Pessoa da Trindade, mas apenas especulações sobre quem era o Espírito Santo, mas não em definições

²³ JEDIN, 1961, p. 24

²⁴ ABBAGNAMO, 1998, p. 517 - HOMOIUSIA ou HOMUSIA. Diz-se que toda a disputa teológica, que culminou com o Concílio de Nicéia (325), girava em torno de uma semivogal, ou seja, da diferença entre homoiusia, doutrina de Ário que admitia apenas a semelhança entre a substância de Deus-Pai e a do Logos, e a homusia, doutrina de Atanásio, que admitia a identidade da substância de Deus-Pai com a do Logos. A decisão do Concílio a favor da homusia estabeleceu a principal base dogmática da teologia cristã.

²⁵ MCGRATH, 2005, p. 57

concretas sobre a sua divindade ou não. O Espírito Santo era reverenciado, mas sua condição exata permanecia incerta.

Mesmo após o arianismo ser considerado uma heresia, ainda reverberava algumas ideias oriundas de Ário, sendo que o próprio Ário considerava o Espírito Santo como uma “hipótese”, considerando a sua essência distinta da do filho, sendo o filho também distinto Pai.

Séculos anteriores, podemos encontrar apenas algumas reflexões teológicas sobre a pessoa do Espírito Santo. Orígenes, numa exegese de Jo 1.3 compreendia que o Espírito Santo era umas das coisas mais importantes que vieram a existência. Seguindo a mesma linha de raciocínio de Orígenes, Eusébio de Cesaréia compartilhava do mesmo entendimento. Montano, se dizia voz do Espírito Santo e suas profecias eram diretamente dadas pelo Espírito Santo. Esse grupo carismático surgiu logo no início da Igreja, e o seu fundador foi Montano²⁶.

Outros grupos mais radicais como os macedônios, ou, pneumatômacos, (combatentes do Espírito Santo), levantavam a bandeira da negação da divindade do Espírito Santo. Basílio de Cesareia, que abordaremos ainda neste trabalho, em seu livro *De Spiritu Sancto*, refutou arduamente o pensamento herético destes grupos.

1.3 Os Padres Capadócius

Através de grandes defensores como Atanásio que através dos debates conseguiram garantir que Jesus Cristo é plenamente Deus, sendo da mesma essência do Pai (*homoousios*), e refutar abertamente a heresia ariana, o conceito ainda estava aberto para novas discussões para um aprofundamento sobre a unidade e distinção pessoal de Deus.

A missão para construir e formular esse conceito de forma plena, ficou aos encargos dos Padres Capadócius, São Basílio de Cesaréia, Bispo e teólogo de Cesareia que na posteridade seria conhecido como " Basílio, o Grande", seu irmão Gregário de Nissa da província de Nissa, famoso por suas obras sobre a contemplação mística, e o amigo dos dois, Gregório de Nazianzo, distrito da Capadócia, o grande orador e poeta, de cujos hinos muitos são obras clássicas da Igreja de fala grega. Suas reflexões teológicas tiveram um papel fundamental para o

²⁶ ERICKSON, 2015, p. 815

desenvolvimento trinitário no século IV, consolidando o debate teológico, principalmente desenvolvendo reflexões teológicas sobre o Espírito Santo, pneumatologia.²⁷

A região da Capadócia ficava no sul da Ásia Menor, em territórios que hoje pertencem à Turquia. Nesta região os três Padres eclesiásticos ganham destaques e merecem ser contados entre os "gigantes" do quarto século.

1.4 Basílio de Cesareia

O primeiro Padre que destacaremos é Basílio de Cesareia (330 – 379 d.C.). Nasceu em uma família cristã e de grandes posses, sendo o irmão mais velho de outro Padre Capadócio, Gregório de Nissa, tendo também uma irmã, Macrina (327 – 380) – além de outros irmãos. É importante destacar que toda a família de Basílio tinha suas raízes cristãs, podemos considerar que até duas gerações anteriores a Basílio eram compostas por cristãos²⁸, como por exemplo seus avós, Basílio e Macrina que viveram sete anos escondidos, fugindo da perseguição imposta por Décio.

O pai de Basílio investiu fortemente na educação de seu Filho, para que ele trilhasse o mesmo caminho do pai, como advogado e orador, estudando primeiro em Cesaréia e depois na cidade principal da Capadócia, Antioquia, Constantinopla e por último Atenas. Sendo que em uma de suas viagens para Atenas conheceu outro teólogo importante, o jovem Gregório, que se tornaria mais tarde bispo de Nazianzo. Quando Basílio voltou para Cesaréia depois de seus estudos, ele vinha inchado da sua própria sabedoria. Todos o respeitavam, por seus conhecimentos, como também pelo prestígio da sua família. Logo lhe foi oferecida e ele aceitou a cátedra de retórica da universidade de Cesaréia. Basílio de Cesareia era um excelente professor de retórica e tendo uma brilhante carreira acadêmica pela frente, porém decidiu seguir a vida religiosa, logo após o falecimento de seu irmão Naucrácio, com quem era muito próximo.

Naucrácio havia decidido viver uma vida sem as regalias da “pompa”²⁹ no qual o próprio Basílio havia se submetido. Sua Irmã Macrina teve um papel importante para que Basílio pudesse voltar a viver uma vida na piedade do Cristianismo. Após duras

²⁷ GONZALEZ, Justos *“Uma história ilustrada do cristianismo; a era dos reformadores”*. v. 2 São Paulo: Vida Nova, 1991. p. 126

²⁸ Idem, 1991, p. 125

²⁹ Idem, 1991, p. 127

críticas de sua irmã sobre o seu comportamento soberbo, Basílio decidiu viver como eremita por vários anos renunciando a todos os cargos de prestígios que tinha.³⁰

Logo após o seu retiro, Basílio retorna para a Capadócia, e seguindo a mesma linha de sua Irmã Macrina, junto com seu amigo Gregório de Nazianzo, fundam um mosteiro para os homens que desejassem viver uma vida piedosa e sem prestígios, como sua Irmã havia feito para as mulheres. Basílio entendia que é impossível viver uma vida piedosa sozinho, pois não é possível servir ao próximo sozinho.³¹

É a partir desse momento que o bispo de Cesareia começou a se envolver com mais veemência, contra grupos que desconsideravam a divindade do Espírito Santo, como macedônios e pneumatômacos. As suas obras se destacam como sendo um claro defensor da terceira pessoa da Trindade, sendo suas críticas direcionadas diretamente contra esses grupos de arianos, liderados por Eunômio. É nos escritos de Basílio que encontramos a fórmula para a sua defesa sobre a controvérsia trinitária, “No ser Divino há uma “ousia” (essência e substancia) e três hipóteses (distinção pessoais)”.³²

1.5 Gregório de Nissa

Gregório de Nissa era irmão mais novo de Basílio (335 – 395 d.C.), foi um importante teólogo do século IV, dedicando-se aos estudos filosóficos gregos, como o neoplatonismo. Seus pensamentos estavam em seguir a mesma carreira do pai, em ser advogado, orador e professor de retórica, no entanto não tinha as mesmas ambições que o seu irmão Basílio.

Seus escritos tiveram grandes destaques para o período, produzindo escritos exegéticos, como “*Tratado sobre a moralidade cristã*” e uma biografia de sua irmã Macrina. Suas obras falam a respeito do sentido místico espiritual das Escrituras. Gregório de Nissa foi o primeiro a utilizar a expressão “anzol que fisgou Satanás”, referindo-se a cruz.

Enquanto Basílio e seu amigo Gregório de Nazianzo se dedicavam com fervor à vida monástica, Gregório procurou viver uma vida mais tranquila de acordo com a sua própria personalidade, que ao contrário de seu irmão Basílio, a fama não era algo

³⁰ MATOS, 2007, p. 66

³¹ GONZALES, 1961, p. 129

³² MATOS, 2007, p. 66

que o atraia.³³ Anos mais tarde, ele escreveu um tratado sobre a virgindade, os argumentos que apresentou em defesa deste estado eram característicos de seu temperamento. Na sua opinião, quem não se casa não precisa passar pela dor de ver sua esposa em dores de parto, nem pela dor maior de perdê-la. Para ele a vida retirada era uma maneira de evitar as lutas e as dores da vida ativa.

Numa tentativa de diminuir o poder que Basílio exercia como bispo da região da Capadócia, o imperador Valente que era ariano e constantemente conflitava com Basílio, fazendo que sentisse ódio pelo Bispo de Cesaréia³⁴, o imperador dividiu as províncias da Capadócia, Basílio em resposta a essa divisão ao imperador nomeou alguns bispos para assumirem estas províncias. Em uma destas províncias, Basílio nomeou seu irmão Gregório para assumir a província de Nissa. Porém Gregório de Nissa não teve um papel de destaque logo nos primeiros anos, devido as tentativas do Imperador Valente em matá-lo, por causa dos perigos eminentes Gregório de Nissa teve que fugir até que a morte do Imperador.³⁵

Logos após a morte do imperador Valente e de seu irmão Basílio, Gregório de Nissa ganhou destaque como sendo um dos principais líderes do partido niceno, no Concílio em Constantinopla, 381.

Mesmo optando em viver uma vida mais reclusa e silenciosa, Gregório de Nissa, mostra que suas contribuições são tão pertinentes quanto as do seu Irmão, que morreu pouco antes do Concílio de 381. Sendo que com suas reflexões a respeito do Espírito Santo, a doutrina da Trindade é reafirmada por este Concílio.

1.6 Gregório de Nazianzo

O terceiro dos três Grandes Capadóciolos foi Gregório de Nazianzo, (330-390 d.C.) o jovem que Basílio tinha conhecido quando ambos estudavam em Atenas. Gregório era filho do bispo de Nazianzo, que também se chamava Gregório, e de sua esposa Nona, pois naquela época ainda não era proibido que os bispos fossem casados. Seu pai foi considerado um herege, mas se converteu a fé cristã nicena.

A família de Gregório também se destacava por ser uma família extremamente religiosa. Da mesma forma que o seu amigo Basílio que o conhecerá em Atenas onde

³³ GONZALEZ, 1961. p. 133

³⁴ Idem, 1961, p. 132

³⁵ Idem, 1961, p. 134

viveu por catorze anos, Gregório passou a sua juventude estudando. Após o seu período de estudos, Gregório retornou para Cesaréia e decidiu viver uma vida sem qualquer prestígio ou fama, como seu amigo Basílio.

Logo após o seu retorno, destacou-se como um grande e excelente orador, sendo ordenado a bispo de Nazianzo, mesmo sendo contra a sua vontade,³⁶ mas depois fugiu para a pequena comunidade monástica que Basílio havia fundado. Após as tentativas do imperador Valente em fragmentar o poder de Basílio dividindo a província, o bispo de Cesaréia também nomeou Gregório para assumir a aldeia de Sassima.³⁷ Fazendo com que a amizade com Basílio ficasse abalada pois não era de sua vontade.

A vida deu um golpe muito duro em Gregório, numa sequência o bispo Nazianzo perdeu seus irmãos e seus pais, fazendo com que ele então tomasse uma decisão em participar das controvérsias que Basílio já enfrentava. Gregório então fundou uma pequena comunidade ortodoxa, a fim de ensinar de forma correta as Escrituras Sagradas, mas devido aos povoados terem grandes influências do arianismo, seu trabalho foi constantemente prejudicado, que nem podia sair nas ruas sem que sofresse alguma repressão por parte da população que se declarava ariana. E justamente dentro deste contexto que ele elabora os seus cinco discursos teológico sobre a Trindade.

Gregório de Nazianzo tinha um “temperamento sensível”, sendo que suas melhores aptidões estavam na oratória e poesia. Seus escritos mais conhecidos estão seus tratados teológicos, e suas cartas, poemas e sermões como “Discursos Teológicos” um conjunto de cinco sermões que, corroboram para a formação do pensamento trinitário. Assim como Basílio, ele também refutou o arianismo de Eunômio.³⁸

Vemos que durante o primeiro período da história da Igreja, o cristianismo enfrentou diversas dificuldades internas e externas ao longo do seu desenvolvimento. Nota-se que as correntes filosóficas espalhavam-se rapidamente, criando correntes teológicas que partiam de um pressuposto correto de interpretação das Escrituras, mas que, fragmentavam a doutrina e a tradição ortodoxa dos apóstolos.

³⁶ Idem, 1961, p. 137

³⁷ Idem, 1961, p. 137

³⁸ MATOS, 2007, p. 68

Tertuliano e Irineu, rebateram e defenderam com veemência as heresias que afrontavam a doutrina deixada pelos apóstolos. Justo Gonzalez nos esclarece sobre essa questão.

Ao lermos essas linhas, vem-nos à mente a imagem de um advogado que apela a um tribunal superior contra a sentença injusta de um tribunal inferior. Em outro tratado, escrito também contra os pagãos, e que leva o título de "O testemunho da alma", Tertuliano coloca a alma pagã no banco das testemunhas e, depois de interrogá-la no estilo de um advogado em um juízo, chega à conclusão de que até uma alma pagã é "por natureza cristã" e que, se persiste em rejeitar o cristianismo, isto se dá por obstinação e cegueira. [...] pode se ver o Espírito legal de Tertuliano é sua "Prescrição contra os hereges". Na linguagem legal da época, o termo "prescrição" tinha pelo menos dois sentidos. Em primeiro lugar, uma "prescrição" era um argumento legal que se apresentava antes do caso mesmo, para demonstrar que o julgamento não devia existir.[...] O outro sentido da palavra "prescrição" aparecia em geral na frase "prescrição de longo tempo". O que isto queria dizer era que, se alguém havia estado de posse de uma propriedade ou de um direito por certo tempo, e ninguém o havia disputado, essa pessoa ficava de posse. [...] Tertuliano utiliza o termo em ambos os sentidos, como se tratasse de um pleito entre a igreja ortodoxa e os hereges. Seu propósito é demonstrar, não simplesmente que os hereges não tem razão ou que estão equivocados, mas, ainda mais, que nem sequer têm direito a entrar em discussão com os ortodoxos. Com efeito, as Escrituras são propriedade da igreja. (GONZALEZ. 1995 p. 121, 122).

Os argumentos e debates levantando por este teólogo, surtiram efeito com a convocação do Concílio em Nicéia, pelo imperador Constantino, que viu a necessidade de unificar a doutrina Cristã, a fim de que a Igreja pudesse estabelecer uma doutrina sólida, mas os interesses estatais por parte do imperador em mostrar um estado romano forte e unido.

Com os argumentos de Atanásio, na defesa da cristologia, ou seja, o Filho, conseqüentemente em uma defesa da Trindade, o Concílio estabelece o dogma, e rejeita as reflexões teológicas de Ário, entre outros grupos de oposição. Mas as decisões do Concílio não foram o suficiente de por um ponto final nas controvérsias levantadas, surgindo na sequência do Concílio mais uma controvérsia, porém agora na Terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo. Por essa razão, os Padres Capadócijs assumiram o cenário dos debates, refutando com veemências as heresias oriundas do arianismo, que o Concílio Niceno não respondeu definitivamente.

Capítulo 2 – Os Pensamento Teológicos dos Padres Capadócius

2. Introdução ao Pensamento dos Padres Capadócius

O século IV foi um período marcante para o desenvolvimento teológico para o cristianismo. As tensões nos debates ainda não cessaram por completo, pois o próprio Concílio de Niceia, 325 d.C não respondeu de forma clara e conclusiva a respeito da plena divindade do Espírito Santo. Coube então o tema a ser abordado pelos Padres Capadócius, que desenvolveram suas reflexões a partir de uma análise das Escrituras Sagradas, sem as influências do paganismo, empenhando-se a debater sobre a controvérsia do Espírito Santo, e sua relação imanente com o Pai e Filho, sendo que alguns críticos entendem que a ênfase dada a Trindade pelos Capadócius seja um exagero, pois o próprio Novo Testamento trata a questão trinitária de forma “econômica” ou seja, as atividades das três pessoas em sua relação com a humanidade e salvação.³⁹

No entanto, suas contribuições teológicas sobre a Trindade ajudaram a elucidar a fórmula trinitária, dando continuidade as defesas teológicas que, o Concílio de Niceia não respondeu plenamente, contendo apenas a seguinte expressão “*Cremos no Espírito Santo*” somente com essa afirmação de crença e não de divindade, permitiu-se que o arianismo ganhasse destaque no IV século, e o crescimento considerável de adeptos a teologia de Ário, que nega plenamente a divindade do Espírito Santo. A principal ênfase dos capadócius foi a defesa da unidade de Deus, ou seja, a única divindade existe simultaneamente em três pessoas distintas no “modo de ser”, Pai, Filho e Espírito Santo.

Mais uma vez, havendo um cisma na doutrina da Igreja, foi convocado o segundo Concílio da Igreja, em Constantinopla, 381 d.C que abordaremos a seguir, convocado pelo imperador Teodósio I, que já havia oficializado o Cristianismo como a religião oficial do estado romano, tendo Gregório de Nissa com um discurso inaugural. Ao fim do Concílio mais uma vez o credo é reforçado, e os esforços de teólogos como Atanásio, deram o resultado esperado, com a formulação da doutrina da Trindade. A seguir conheceremos um pouco das reflexões teológicas dos Padres Capadócius sobre o Espírito Santo.

³⁹ Idem, p, 68

2.1 Reflexões de Basílio de Cesareia sobre o Espírito Santo

Diante deste intenso cenário de debates em que, o arianismo, mesmo sendo rejeitado pelo Concílio Niceno, contudo ainda persistia em descaracterizar o cristianismo tido por ortodoxo, difundindo uma visão teológica de um Jesus menor, sendo o Espírito Santo apenas uma hipótese gerada pelo Filho, e outros grupos que se opuseram a divindade do Espírito Santo, os Padre Capadócius se levantaram contra essa teologia herética e deram continuidade a defesa Trinitária, que Atanásio combateu anos antes no Concílio⁴⁰, mas que ainda não tinha sido de fato eliminada.

Abordaremos as reflexões teológicas de Basílio de Cesareia, ou como conhecido também, Basílio, o Grande, a respeito de sua defesa ao Espírito Santo, e quais foram os argumentos apresentados por ele para a sua defesa na unidade Trinitária.

Em seu *“Tratado sobre o Espírito Santo”*, os caminhos que Basílio usa para o início de sua defesa, estão nas análises dos termos que se referem ao Pai, Filho e o Espírito. O bispo Capadócio de Cesareia faz uma análise de 1Cor 8.6, que os hereges interpretam de forma errônea, mostrando como as expressões *“por quem”*, *“de quem”*, e *“em quem”* são utilizadas pelos hereges que relacionam estas expressões, a uma diferença de natureza e hierárquica entre as Três Pessoas.

Pela locução *de quem* querem assinalar o Artífice (demiurgo); com a expressão *por quem* indicam um auxiliar ou instrumento; pelos termos *em quem* determinariam tempo ou lugar. Com isso, pretendem que se conceba o Artífice do universo apenas como um instrumento e se evidencie que o Espírito Santo nada acrescenta aos seres, a não ser as circunstâncias de espaço e de tempo. (BASÍLIO, Art, 2 - 4).

O bispo de Cesaréia mostra que os hereges estão fazendo uma análise com critérios de causa das naturezas e subordinação quanto as expressões apresentadas pelas Escrituras. Basílio mostra que, esta forma de interpretar as Escrituras acaba se tornando uma *“sutil discussão de palavras”* e que essa forma de interpretar serve apenas para revelar a *“impiedade da doutrina”*⁴¹, ou seja, ao interpretar desta maneira, tanto o Filho quanto o Espírito não participam da mesma substancia do Pai, sendo o Filho gerado e subordinado ao Pai, quando ao Espírito uma hipótese. Alberigo Guiseppe nos traz uma compreensão do significado de *“homoousio”*.

⁴⁰ PELIKAN, 2014, p. 223 – .

⁴¹ BASÍLIO, *“Tratado sobre o Espírito Santo”*, Art, 2, 4

É evidente que um conceito um tanto genérico de similaridade aparece aqui, de certa forma que o significado preciso do termo é deixado no ar. Por outro lado, foi um uma palavra que já antes de Niceia tinha conhecido um certo desenvolvimento na história do pensamento filosófico e elogio. Na linguagem filosófica tinha sido empregado por Plotinus e Porphyry em relação a seres pertencentes à mesma classe, na medida em que compartilham entre si o mesmo tipo de conteúdo. Na esfera cristã, este termo veio da Literatura gnóstica, na qual indicava "semelhança em ser" entre seres diversos ou seus pertencentes ao mesmo modo ou grau de ser. Também neste caso o significado é genérico e nesse sentido é como o *homoousios* foi usado por Orígenes. (GUISEPPE, 1993, p. 35)

Os argumentos de Basílio se fundamentam na má compreensão das Escrituras Sagradas pelos hereges, e no fato deles estarem sendo induzidos ao erro, ao analisar as Escrituras com bases nas filosofias e teses dos “*pensadores de fora*”⁴². As interpretações destes “*pensadores de fora*”, refletem aqueles que têm uma influência em filosofias pagãs, que mostram em reflexões do sagrado uma subordinação entre as expressões “*por quem*”, “*de quem*”, e “*em quem*”. Os “*pensadores de fora*” interpretam a expressão “*por quem*”, a um “Artífice” que planeja a construção de um banco, feito pelo marceneiro, sendo que este marceneiro se utiliza de ferramentas para construir este banco, como machado e serrote, na utilização destes instrumentos aplica-se a expressão “*por meio de quem*”, e para a expressão “*de quem*”, aplica-se quanto ao material, ou o tempo e lugar utilizado para a construção do banco, neste caso específico a madeira⁴³.

No texto de 1Cor 8.6, ainda se aplicam outros dois vocábulos que os hereges aplicam na interpretação do texto, mostrando os objetivos deste marceneiro. Pelo vocábulo “*o qual*”, entende-se o planejamento do Artífice, o esboço em sua mente, e a partir deste planejamento, o Artífice começa a colocar em prática aquilo que a sua mente planejou. E para o segundo vocábulo encontrado no texto “*para quem*”, mostra qual é o objetivo deste banco construído pelo marceneiro, ou seja, para utilidade do homem⁴⁴.

Para Basílio de Cesareia essa forma de interpretar significa apenas uma depreciação do verbo de Deus, e a rejeição clara do Espírito Santo, assim como no docetismo e arianismo. Fica claro a decepção de Basílio na forma como os hereges articulavam as expressões para interpretar a relação de Deus com o Filho e o Espírito

⁴² Idem, Art. 3

⁴³ Idem, Art. 3, 5

⁴⁴ Idem, Art. 3, 5

Santo. Para o bispo de Cesaréia é uma clara depreciação do “Senhor do Universo”. Basílio responde aos hereges.

Os vocábulos que os sábios “de fora” aplicam aos instrumentos inanimados, ou os termos com que assinalam um serviço subalterno e em extremo humilhante, isto é, *por quem*, eles não hesitam empregá-los relativamente ao Senhor do universo, e não se envergonham esses cristãos de atribuir ao Artífice da criação uma expressão usada para a serra ou o martelo. (BASÍLIO, Art, 3, 5)

Sua resposta está na ênfase em mostrar que, as expressões citadas são utilizadas com frequência nas Escrituras Sagradas,⁴⁵ e que esse vocábulo não pode ser interpretado na relação de subordinação, ou a relação de causa entre o Pai, Filho e o Espírito Santo, mas as expressões mudam de acordo com circunstância e necessidade.

Ao se referir a expressão “*de quem*”, Basílio responde aos hereges que, nem sempre se designa a matéria ou ao material que será manufaturado, ou ao tempo e lugar, mas para mostrar que as Escrituras se utilizam desta expressão para dizer que só existe um Deus “*de quem*” vem todas as coisas, como a primeira carta de Paulo aos Coríntios, “pois, assim como a mulher proveio do homem, também o homem nasce da mulher. Mas tudo provém de Deus”⁴⁶.

Ao se referir ao apóstolo Paulo, Basílio mostra que ele não tinha essa compreensão ao aplicar essas expressões, visando essa diferença de natureza, mas estabelecer um conceito sólido sobre o Pai, Filho e o Espírito Santo⁴⁷.

Uma outra forma de argumento que Basílio se utilizou para mostrar que o Espírito Santo procede da mesma essência “*homoousios*” do Pai e do Filho, foi a utilização da fórmula batismal em Mt.28.19. Seus argumentos se fundamentam claramente na impossibilidade de separar o Pai, Filho e Espírito Santo, sendo que a fórmula aplicada no Evangelho de Mateus possui grandes implicações teológicas, sendo mais uma vez mal interpretadas pelos opositores ao Espírito Santo, que entendiam ser apenas necessário invocar o nome do Senhor na formula batismal.⁴⁸

Basílio enfatiza contra seus opositores de que não é suficiente o batismo apenas no nome do Senhor, pois implicaria diretamente na salvação, sendo o batismo e a fé inseparáveis, e que é muito perigoso para quem batiza e o batizando não invocar

⁴⁵ Idem, Art. 4, 6

⁴⁶ I Coríntios 11.12

⁴⁷ BASÍLIO “*Tratado sobre Espírito Santo*”, Art. 5, 7

⁴⁸ MCGRATH, Alister, “*Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*”, 2005, p. 365

o Espírito Santo como não sendo necessário na fórmula batismal, pois não invocar a pessoa do Espírito Santo no momento do batismo perde-se o sentido da própria salvação.⁴⁹ Basílio argumenta.

Entretanto, se do Pai e do Filho separar o Espírito no batismo é perigoso para quem batiza, e prejudicial ao batizado, como seria seguro arrancar o Espírito de junto do Pai e do Filho? Ora, a fé e o batismo são dois meios de salvação, estreitamente unidos e inseparáveis, pois se a fé se consuma no batismo, o batismo, contudo, baseia-se na fé; ambos se realizam através dos mesmos nomes. Como acreditamos no Pai e no Filho e no Espírito Santo, assim também somos batizados em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Precede, de fato, a confissão que nos conduz à salvação; mas segue-se logo o batismo, selo de nossa adesão. (BASÍLIO, Art. 12, 28).

A fórmula do batismal fica incompleta ao descartar a terceira pessoa, e o batismo não tem validade. Basílio foi veemente em afirmar que não foi a ortodoxia que considerou o Espírito Santo igual ao Pai e o Filho, mas o próprio Cristo, ao introduzir o Espírito na fórmula batismal, colocando-o a Terceira Pessoa lado a lado com o Pai e o Filho⁵⁰.

É uma “transgressão renegar o Espírito”⁵¹ não existe outra expressão para nomear os opositores ao Espírito Santo, a não ser o que fazem os transgressores. O bispo de Cesaréia é profundamente contundente, com base em 1Cor 12.3 em afirmar que, todo que nega o Filho e o Espírito também nega verdadeiramente o Pai, pois é através do Espírito Santo que se confirma a presença ativa do Pai e do Filho na vida do homem, e quem nega a Deus, acarreta para si próprio uma sentença condenatória. Basílio afirma:

Dou testemunho ao que invoca a Deus, mas rejeita o Filho que sua fé é vã, e ao que recusa aceitar o Espírito que a sua fé no Pai e no Filho cairá num vazio; nem mesmo poderá possuir a fé, se não tiver o Espírito. Efetivamente, não crê no Filho quem não acredita no Espírito; nem crê no Pai aquele que não crê no Filho. Com efeito, “ninguém pode dizer: ‘Jesus é Senhor’ a não ser no Espírito Santo” (1Cor 12,3). “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, este o deu a conhecer” (Jo 1,18). Acha-se também excluído da verdadeira adoração aquele que renega o Espírito. De fato, é impossível adorar o Filho, a não ser no Espírito Santo, nem é possível invocar o Pai, a não ser no Espírito da adoção filial. (BASÍLIO, Art. 11, 27).

Os argumentos de Basílio são sólidos e fundamentados nas Escrituras, a fim de provar que, o Espírito Santo é plenamente igual ao Pai e ao Filho. Fica evidente a má compreensão dos hereges ao interpretar as Escrituras e como as influências de outras filosofias afetaram a compreensão daqueles que afirmavam que as Escrituras

⁴⁹ PELIKAN, “*A Tradição Cristã*”, 2014, p. 227

⁵⁰ PELIKAN, 2014, p. 227

⁵¹ BASÍLIO, Art. 11, 27

Sagradas não classificam o Espírito com sendo plenamente Deus, não sendo uma causa, ou subordinado e sim apenas uma criatura criada pelo Filho sendo neto do Pai.⁵²

Com os argumentos de Basílio podemos perceber que, mesmo que a principal heresia do século IV, sendo rejeitada pelo Concílio Niceno alguns anos antes, como vimos acima, podemos perceber que o próprio credo Niceno não resolveu completamente a questão sobre o Espírito Santo, em que o foco das discussões se concentram na figura do Filho, onde os Arianos questionavam a sua divindade, pois no próprio credo não se diz claramente sobre a divindade do Espírito, pois no credo apenas cita-se “*Cremos no Espírito Santo*”⁵³, e que “*o Filho foi concebido através da virgem por meio do Espírito Santo*”, ou seja, com apenas essa informação permitiu-se que uma lacuna ainda permanece aberta para os pneumatômacos e os seguidores do arianismo levantassem a questão e promovendo novamente debates sobre a Trindade.

No entanto, nesta obra de Basílio “*Tratador Sobre o Espírito Santo*”, abordada nesta pesquisa de forma resumida, percebemos que seus esforços em defender o Espírito Santo resultaram numa defesa sólida e baseada nas análises das expressões Bíblicas. Esta obra contempla um grande valor teológico para a tradição do cristianismo, que claramente elucidou a doutrina do Espírito Santo, refletida no Concílio de Constantinopla em 381 d.C, que pôs fim nas controvérsias apresentadas e concretizou-se na doutrina da Trindade. Basílio ganha destaque na tradição cristã pelas suas reflexões teológicas na luta contra a negação do Deus Trino dando continuidade aos trabalhos iniciados por Atanásio.

A seguir, abordaremos o desenvolvimento teológico de seu Irmão, Gregório de Nissa, que também contribuiu positivamente, junto com Basílio na elucidação do tema.

2.2 Reflexões de Gregório de Nissa sobre o Espírito Santos

Gregório de Nissa, irmão mais novo de Basílio, também trouxe grandes contribuições para as reflexões teológica sobre a Terceira Pessoa da Trindade. Suas contribuições endossaram as discussões, e fortaleceram a defesa da divindade do Espírito Santo contra os hereges.

⁵² PELIKAN, 2014, p. 223

⁵³ MCGRATH, 2005, p. 57

O bispo de Nissa foi grandemente influenciado pela filosofia de Platão sobre a questão das ideias. Com o objetivo de combater com eficácia o triteísmo.

Atribuiu uma realidade aos conceitos universais, dizendo que a palavra 'homem' designa a natureza, não o indivíduo, portanto, chamar a Pedro, Paulo e Barnabé, significa uma única natureza humana, um só homem e não três homens. (STUIBER, 1988, p. 310)

Gregório de Nissa então utiliza uma analogia para explicar as duas processões⁵⁴ a fim de não deixar dúvidas sobre uma questão de idolatria, pois ao afirmar que o termo *logos* (ou verbo, compreendido como sendo o Filho em Jo.1.1) não significa uma ideia politeísta, como acreditava os pagãos sobre a crença trinitária cristã, mas o conceito evoca conseqüentemente o Pai, Filho e o Espírito Santo.

Em seu tratado "*A grande catequese*" Gregório de Nissa quer deixar claro contra aqueles que são declaradamente opositores ao Espírito Santo que sua defesa se concentrará claramente em responder aos seus ataques, e que toda essa concepção de diferença entre as Três Pessoas é infundada. Gregório de Nissa argumenta.

Através do conceito de pessoa, o Espírito é realidade distinta do Verbo, e é distinto também Aquele que possui o Verbo e o Espírito; mas, uma vez compreendido o que os distingue, verá também que a unidade da natureza não admite divisão, de modo que o poder da monarquia não pode dividir-se fraccionada em diferentes divindades, nem tampouco a doutrina confunde-se com a crença judaica, mas a verdade avança no justo meio entre as duas concepções, eliminando o erro de ambas as escolas e aproveitando o útil (*chrésimon*). O credo judaico se purifica com a aceitação do Verbo e com a fé no Espírito; o erro pagão do politeísmo se elimina mediante o dogma da unidade de natureza que destrói a ideia fantasista de uma pluralidade. (GREGÓRIO DE NISSA, Art. III, 2).

Sua defesa está pautada em mostrar que o Espírito Santo não pode ser separado do Pai e do Filho, ou seja, o Verbo (Jo.1.1) mas, que estão unicamente interligados na mesma essência, e para que possamos compreender como essa relação funciona, as Três Pessoas devem ser distinguidas pela origem, sendo que, o Pai é o causador do Filho e o Espírito procede do Pai. É evidente que a doutrina de

⁵⁴ ABBAGNANO, 1998, p. 798 - *PROCESSÃO*. O que procede de Deus, segundo os Neoplatônicos: essa procedência dá origem a realidades de classe inferior, que se assemelham àquelas das quais provêm. "Toda P. realiza-se por meio de semelhança das coisas segundas com relação às primeiras" A teologia cristã empregou a mesma noção para determinar a relação entre as pessoas divinas. S. Tomás de Aquino distinguia a *processio ad extra*, na qual a ação tende para algo de externo, e a *processio ad intra*, na qual a ação tende para algo de interno, como acontece na P. que vai do intelecto ao objeto do entendimento, que continua dentro do próprio intelecto. Neste segundo sentido, segundo S. Tomás de Aquino deve-se entender que a P. de pessoas divinas é de Deus pai.

São Gregório de Nissa é que o Filho atua como um agente em subordinação ao Pai que é a fonte da Trindade, na processão do Espírito Santo⁵⁵

É interessante notarmos também que, para fundamentar a sua afirmação na defesa da unidade Trinitária, perfeitamente iguais em sua essência (*ousia*), mas distingui-las em Três Pessoas, sua reflexão parte do conceito judaico de único Deus, mas que mesmo assim, o Judaísmo apresenta falhas em sua concepção por desconsiderar o Filho e o Espírito como plenamente Deus. E para a concepção da crença dos pagãos, o conceito de distinção das Três Pessoas. O bispo de Nissa argumenta.

Da concepção judaica, portanto, se conserve a unidade da natureza, e, da crença pagã, somente a distinção das pessoas, corrigindo, numa e na outra concepção a impiedade com remédios proporcionados: o número da Trindade é como um remédio para aqueles que erram acerca da unidade, ao passo que, para quem se dispersa no erro da pluralidade, é medicina a doutrina da unidade. (GREGÓRIO DE NISSA, Art.III, 3).

Gregório de Nissa também explica que para o homem mortal é impossível compreender como se relaciona essa unidade nas Três Pessoas, por se tratar de um assunto infinito, logo, os seres finitos como o ser humano, não conseguem entender essa relação em sua plenitude.⁵⁶

Ele ensina que essa plenitude foi revelada pelo próprio conhecimento de Deus, mas sem esclarecer a profundidade desta revelação.

Por conseguinte, quem perscruta atentamente as profundidades do mistério, chega em sua alma a certa inteligência, limitada, é verdade, em razão de seu caráter inefável, da doutrina revelada relativa ao conhecimento de Deus, sem, porém, poder esclarecer com as palavras está inefável profundidade do mistério: como é que o mesmo objeto é numerável e, ao mesmo tempo, escapa à numeração, e como se pode considerá-lo como distinto em suas partes e, ao mesmo tempo, o concebemos como unidade, e como é que está sujeito a distinção mediante o conceito de pessoa e não está dividido na substância. (GREGÓRIO DE NISSA, Art. II, 1).

O bispo de Nissa utiliza-se de uma linguagem para enfatizar que o homem não consegue compreender em sua totalidade a “*ousia*” divina, e ao falar deste conhecimento ilimitado, sendo para o homem incompreensível, mas não em um sentido agnóstico, e sim numa relação qualitativa, ou seja, o ser criado não pode

⁵⁵ SILVA, Maria Freire “*A linguagem Trinitária de Gregório de Nissa*” 2014, p. 9

⁵⁶ SILVA, Maria Freire “*A linguagem Trinitária de Gregório de Nissa*” 2014, p. 5

compreender em sua totalidade o que é incriado. O apofatismo⁵⁷ é um elemento que deve ser considerado para a compreensão das reflexões teológicas de Gregório de Nissa.

Mas para Gregório de Nissa, essa incompreensão humana faz parte de nossa própria natureza, a fim de que o homem possa se interessar em conhecer a Deus e se relacionar intimamente com ele, como citado acima.⁵⁸

Gregório de Nissa mostra que a própria Escritura Sagrada revela a natureza Trinitária Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Ao analisar o Salmo 33.⁵⁹, em sua luta contra os hereges, e opositores ao Espírito Santo como os pneumatômacos ao Espírito Santo, Gregório faz uma reflexão de que não há possibilidade do Verbo de Deus ser considerado como simplesmente uma palavra dita, e o seu Espírito (*pneuma*), não pode ser entendido como simplesmente um fôlego. Caso essa seja a interpretação correta desta passagem, então se aplicaria pensar em rebaixar o Verbo e o Espírito a semelhança do homem, logo, pode-se entender que pela palavra, (verbo) e pelo espírito (*pneuma*), o homem dotaria da mesma semelhança divina.⁶⁰ Esse ensinamento não corresponde ao pensamento do salmista acerca de Deus, pois como o ser criado (homem) pode dotar das mesmas virtudes divinas? O homem é incapaz de possuir as mesmas virtudes do Criador, no sentido pleno da palavra, por não possuir poder em suas palavras e um espírito sem consistência.⁶¹

Aceitar a ideia de inferiorização do Verbo e do Espírito, seria claramente negar a plena substancialidade da pessoa do Filho e do Espírito, mas, entender que Deus pela sua palavra (Verbo) criou tudo o que existe, e seus exércitos tiveram vida consistente pelo Espírito de Deus, é entender que, o Verbo e o Espírito são essencialmente iguais ao Pai, que sem Eles nada poderia existir.

Aqueles que rebaixam a divindade no nível da nossa palavra atribuirão também ao Verbo e ao Espírito de Deus idêntica ineficácia e inconsistência. Mas se, como diz Davi, os céus foram criados pelo Verbo do Senhor, e seus exércitos tiveram consistência por obra do Espírito de Deus, então claramente é estabelecido o mistério da verdade, que nos faz compreender a noção de um Verbo e de um Espírito substanciais. (GREGÓRIO DE NISSA, Art, IV, 4)

⁵⁷ANDRADE, Claudionor, “*Dicionário Teológico*” 1998, p. 47 – Teologia que se dedica aos estudos dos atributos divinos pela negação sistemática dos atributos das coisas terrenas. A teologia apofática ressalta quão singulares são os atributos divinos.

⁵⁸ SILVA, Maria Freire, 2014, p. 5

⁵⁹ “Mediante a palavra do Senhor foram feitos os céus, e os corpos celestes, pelo sopro de sua boca”.

⁶⁰ NISSA, Art. IV, 2

⁶¹ Idem, Art, IV, 3

Gregório de Nissa, acrescenta uma grande contribuição para o desenvolvimento teológico da doutrina da Trindade, somando com as reflexões de seu irmão Basílio. Gregório fortalece o debate sobre o Espírito Santo com base nas Escrituras. Gregório mostra que a sua reflexão teológica sobre a unidade plena da Trindade não está em desacordo com os princípios revelados nas Escrituras Sagradas, mas devida a ineficiência intelectual humana de compreender plenamente aquilo que provém do ser incriado e infinito, o homem não pode resolver essa questão.

Na sua defesa “*Contra Eunomium*”, o bispo de Nissa argumenta contra um herege chamado Eunômio que tem como ponto principal para sua heresia, a questão do termo “*não gerado*” ou “*não geração*”⁶² com a mesma “*ousia*” do Pai, em que essa expressão “*não gerado*” cabe somente a substância do Pai.⁶³

Gregório de Nissa contrapõe Eunômio através de uma sistematização apofática, em que reconhece que a criação não é capaz de conhecer a Deus pela sua própria sabedoria, ou seja, o ser humano é esse ser fragilizado, assim, devido essa fragilidade não podemos explicar a unidade plena da Trindade.

Sua argumentação ainda está pautada nas questões que, os nomes que são atribuídos a Deus, como Filho ou Espírito, na verdade são uma ficção doada por Deus a humanidade para que esses tragam para suas próprias reflexões acerca de Deus uma ideia de unidade Trinitária, mas que na verdade não são inexistentes e apontam para sempre para o ser “*não gerado*”, o Pai.

É evidente na teologia de Eunômio a radicalização extrema para desconsiderar plenamente divinos o Filho e o Espírito Santo. Para Eunômio existe apenas um ser “*Supremo e sumamente autêntico*”, o Pai. Porém, ao negar a divindade do Filho e do Espírito nega-se também toda a existência.⁶⁴

Em toda sua reflexão teológica a respeito da Trindade, Gregório de Nissa quer enfatizar que, devemos distinguir as Três Pessoas somente pelas suas características individuais, não a sua essência, que no Pai encontramos a paternidade, no Filho a Filiação, e no Espírito Santo a processão. Está claro na teologia do bispo de Nissa que, Deus é um ser único que compartilha da mesma “*ousia*” do Filho e do Espírito.⁶⁵

⁶² SILVIA, Maria Freire, 2014, p. 255.

⁶³ Idem, 2014, p. 256.

⁶⁴ NISSA, “*El Contra Eunomium, En lá Produccion Literário de Gregório de Nissa*”, 1988, p. 381 - 407

⁶⁵ Idem, p. 381 – 407

Assim como seu irmão Basílio, Gregório de Nissa propõe uma hermenêutica que se enquadra adequadamente na forma correta de interpretar as Sagradas Escrituras, segundo crer a tradição cristã, fazendo completamente oposto aos eunomianos e arianos que, distorcem a realidade bíblica, sendo influenciados pelas filosofias dos pagãos que comprometem a hermenêutica

A seguir abordaremos as perspectivas teológicas que Gregório Nazianzo, amigo de Basílio e Gregório de Nissa.

2.3 Reflexões de Gregório de Nazianzo sobre o Espírito Santo

A partir do ponto de vista de Gregório de Nazianzo, o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem a mesma essência, ou seja, são perfeitamente iguais em todos os atributos considerados divinos, como por exemplo a eternidade. Gregório de Nazianzo fundamenta a sua defesa a partir da análise do texto em Jo.15.26⁶⁶. Sua argumentação se estabelece a partir da distinção entre as Três, em que a aplicação deve ser entendida a partir de um conceito lógico e não cronológico criacionista, por exemplo: o Pai, primeiro ser incriado, o Filho gerado e o Espírito Santo procedem do Pai e do Filho sem ser gerado, e não uma ordem de criação.⁶⁷

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Gregório entende que o Pai é sempre o Pai e o Filho é sempre o Filho, sendo que esta relação entre Pai e Filho não indica uma essência diferente ou que seja superior ou inferior ao outro, mas que significa uma espécie de Ação, que compartilha e comunica a mesma “ousia”. Ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo apresentam esta mesma essência, mas o Filho, não pode ser o Pai porque existe apenas um Pai, por sua vez o Espírito não pode ser o Filho, pois há somente um Filho que é enviado do Pai, mas essa diferença não representa uma subordinação criacionista, mas uma distinção entre as Três Pessoas a quem pertencem a mesma “ousia”.

Em um poema contra os hereges, Gregório de Nazianzo mostra que, existem uma grande quantidade de falsas doutrinas que se levantam a fim de confundir e descaracterizar a importância da divindade, fazendo com que os homens se desviem da salvação, direcionando-os para o abismo eterno. Fazendo uma comparação com

⁶⁶ "Quando vier o Conselheiro, que eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade que provém do Pai, ele testemunhará a meu respeito". NVI

⁶⁷ SILVIA, Maria, *A linguagem Trinitária de Gregório Nazianzo*, 2014, p. 223

Gn 11.1-9, assim como Deus confundiu as línguas dos homens na Torre de Babel, o “*corruptor deste mundo*” confunde a imagem verdadeira de Deus, para que os homens percam a referência sobre a Santíssima Trindade.⁶⁸

Essa variedade de doutrinas resulta em “*doenças filosófica*”⁶⁹ que os insensatos constroem acerca de Deus, imaginando que todas as coisas que existem são frutos do acaso ou de deuses que a própria imaginação humana cria.

Os descendentes desta seita buscam a divindade no arranjo das letras, juntando a esses ímpios os inventores de dois diferentes deuses: um bom, que é o autor do Velho Testamento; e outro mau, autor do Novo. Admitem também três naturezas imóveis: uma espiritual, outra terrestre e uma terceira que participa das outras duas. São os oradores de Manes, que atribuem às trevas um princípio criador; os montanistas, cujo culto é injurioso ao Espírito Santo; os novatianos, repletos de um orgulho tolo; enfim, os inimigos da Santíssima Trindade em geral, e das Três Pessoas em particular. (GREGÓRIO, 2012, p. 45)

Pela expressão “*oradores de manes*” Gregório de Nazianzo, está se referindo ao fundador do maniqueísmo, que se resumia em um sincretismo religioso judaico-cristão. Seu fundador Mani, ou Maniqueu (216 – 277 d.C) cria em dois princípios eternos, porém opostos, sendo que o homem teve a sua origem através da emanção de um ser que também foi emanado do ser superior.⁷⁰

Outro aspecto importante sobre o Maniqueísmo é o fato de crer na existência de forças, luz e trevas, sendo que o rei das trevas enganou o homem, que passou a ser um que misturava luz e trevas em si mesmo.

Gregório de Nazianzo quer mostrar que, essa variada mistura de crenças a respeito da divindade da Santíssima Trindade é como a Hydra⁷¹ que revelam a impiedade da doutrina, em cada uma destas vertentes enfatiza a desconfiguração do Espírito Santo, reduzindo-o meramente a uma criatura, outros ainda afirmam que o Filho é uma substância imperfeita e sem entendimento humano.⁷²

Em sua oração 31.10, o bispo de Nazianzo levanta uma questão; “*O Espírito é Deus?*” sua resposta obviamente é sim. Na mesma oração levanta outro questionamento; “*Então ele é consubstancial?*” sua resposta é afirmativa, pois se ele é Deus, logo partilha da mesma “*ousia*” do Pai e do Filho.⁷³ E com base em Jo 4.24;

⁶⁸ NAZIANZO, Gregório, *Autobiografia de São Gregório de Nazianzo*, Tradução de Diogo Chiuso - Campinas, SP: Ecclesiae, 2012. p. 44.

⁶⁹ Idem, 2012, p. 45

⁷⁰ CAIRNS, 2008, p. 85

⁷¹ GREGÓRIO, 2012, p. 45, Animal marinho com múltiplas cabeças, derrotado por Hércules.

⁷² Idem, 2012, p. 45

⁷³ KELLY, 1994, p. 194

Rm 8.26; 1 Co 14.15, Gregório fundamenta sua defesa contra os hereges que negam assiduamente a sua relação com o Pai e o Espírito Santo.

Gregório de Nazianzo percorre o caminho para a interpretação bíblica para explicar que o Espírito Santo também tem a mesma atividade que o Pai também exerce. Ao interpretar o Evangelho de Lucas 11.2, na oração dominical dizia “*Teu Espírito Santo vem sobre nós e nos purifica*” entendendo que a igualdade das atividades.

O Concílio de Niceia apresenta a doutrina do Espírito Santo com apenas “*creio no Espírito Santo*” como vimos acima, isso permitiu um espaço para outras interpretações a respeito do Espírito Santo, no entanto antes deste Concílio não se obteve um debate concreto ou um entendimento claro sobre a terceira pessoa trinitária. Provavelmente Montano trouxe uma reflexão mais pessoal sobre o Espírito Santo.⁷⁴

Sua linha de raciocínio está em torno da própria Escritura Sagrada, que a utiliza de forma correta para explicar a relação de igualdade entre as Três Pessoas santas. Para explicar o porquê da ausência de uma definição concreta sobre a divindade do Espírito Santo, no século passado, Gregório Nazianzo elabora uma teoria de desenvolvimento doutrinário. Kelly (1994, p. 197) explica:

Assim como a aceitação da divindade do Pai precisava preceder o reconhecimento da divindade do Filho, está precisava ser estabelecida antes que se pudesse admitir a divindade do Espírito. O Antigo Testamento revelou o Pai, e o Novo, o Filho; este último só insinuou o Espírito, mas Ele habita em nós e revela Sua natureza com maior clareza.

É importante percebemos que, Gregório de Nazianzo quer mostrar para os hereges uma linha de pensamento histórico salvífica e como se dá a ação do Espírito Santo no decorrer no AT (Antigo Testamento), e NT (Novo Testamento). As Escrituras Sagradas revelam uma progressão divina, ou seja, o AT revela o Pai, o NT revela o Filho que após ele é enviado o Espírito Santo, e que a sua ação ainda está presente em seus dias.

Outro importante ponto que vemos nas suas reflexões teológicas na defesa da Trindade, está no próprio nome Pai, que não indica uma substância ou atividades, mas uma relação entre a Trindade. Quando nos referimos ao Pai, automaticamente estamos nos relacionando com o Deus Trino. Com o Pai nos referimos à fonte que não foi gerada, com o Filho ao que foi gerado e ao Espírito Santo originado da

⁷⁴ PELIKAN, 2014, p. 224

processão divina. Gregório de Nazianzo colocou as bases para uma convenção linguística que, com o uso do conceito de relação originária e eterna, tornou possível conservar as características da substância divina e articular sua realização no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

A percepção de Gregório de Nazianzo, sobre a Trindade reflete uma clara observância das Escrituras Sagradas, e uma interpretação singular de, como que o Deus Trino se relacionava entre si, sem mostrar uma hierarquia, mas como que ao longo da história do homem o Deus Trino se manifestou. Gregório de Nazianzo faz questão de levantar o debate contra aqueles que se denominavam contra o Espírito Santo que, as diversas interpretações era fruto de um sincretismo pagão com o cristianismo, fazendo assim uma confusão na doutrina da Trindade.

2.4 Contribuições Teológicas dos Padres Capadócius para os Debates Pneumatológicos.

As reflexões dos Padres Capadócius, trouxeram à tona as discussões, que até então, em tempos passados não tiveram atenção, devido aos teólogos concentrarem seus esforços na luta contra os hereges que, desconfiguravam a figura de Cristo, rebaixando a mero ser criado e subordinado ao Pai, como falamos acima. Os debates foram tão intensos em várias regiões que conseqüentemente o imperador Teodósio I convocou um segundo concílio ecumênico, sediado na cidade de Constantinopla em 381, justamente para discutir os pontos levantados pelos debates⁷⁵, a fim de evitar uma divisão do império entre ocidente e oriente.

Com o Arianismo em ascensão no século IV, e cada vez mais os opositores contra o Espírito Santo, interpretando as Escrituras Sagradas de acordo com as influências filosóficas que, consideravam qualquer outra divindade uma criação da divindade incriável, o Pai, os Capadócius mostraram através da própria Escritura que, as expressões Filho ou Espírito de Deus não podem ser desassociadas da mesma unidade divina, entendendo-se como se fossem três pessoas diferentes e de graus inferiores, mas que representam a manifestação de um único Deus, que se revelou na história dos homens, e que continua a se revelar de maneira exata e plena, mesmo

⁷⁵ FELIX, Pe. Élcio Rubens Mota, “A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo no século IV” Revista de Cultura Teológica - v. 20 - n. 80 - OUT/DEZ 2012

que o homem não tenha a capacidade intelectual de compreender de maneira clara como funciona essa relação, como afirma Gregório de Nissa em sua reflexão.

Deus, o Pai, o Filho Unigênito de Deus e o Espírito Santo, o consolador, mesmo sendo pessoas distintas, não existe qualquer diferença hierarquizada, ou criacionista entre eles. Ao mesmo tempo, a forma adotada pelos Capadóciolos para mostrar como funciona essa relação trinitária serviu para mudar a discussão da relação entre um e os três, para a relação entre o divino e o humano em Cristo, com a qual a controvérsia, de certa maneira, tinha começado. Algumas das próprias considerações que começaram a discussão foram ultrapassadas pelas soluções que o dogma trinitário tenta prover para elas. Mas elas eram muito fundamentais para o Evangelho para permanecer na obscuridade e a forma da solução trinitária reabriu a inevitável questão cristológica, em particular para aqueles que tinham formulado sua ortodoxia trinitária de uma maneira que sua cristologia se tornou suspeita.

O dogma da Trindade foi desenvolvido como a resposta da Igreja a questão sobre a identidade de Jesus Cristo. Ele era ou não igual ao Criador e Senhor do céu e da terra em sua existência divina? A resposta da doutrina cristã ortodoxa a essa pergunta foi a confissão de que ele era “da *ousia* do Pai” e “*homoousios* com o Pai” Para todos os problemas que estavam nessa resposta, a formulação tradicionalmente identificada com o Concílio de Niceia (embora em uma revisão posterior) era a versão da doutrina da Trindade que veio a ser reconhecida como a fé da Igreja. (PELIKAN, 2014, p. 234).

Mesmo com todos os problemas levantados como, cismas doutrinários, correntes heréticas, seria incompreensível entender como funciona a essência da Igreja sabendo que as ações realizadas por ela provêm da intervenção direta do Espírito Santo, como por exemplo a unidade entre os seres divinos trinitários, comunhão são frutos da manifestação direta do Espírito Santo na vida daqueles que professam a igualdade plena do Deus trino, mesmo sendo apenas um. Outro aspecto que podemos levar em consideração as contribuições teológicas dos Padres Capadóciolos é a respeito sobre a interpretação das Escrituras Sagradas. Não é possível compreender a revelação de Deus, sem que o Espírito não ilumine a mente daqueles que a leem. No entanto, descaracterizar ou negar a plena divindade do Espírito Santo, revela a inconsistência interpretativa das escrituras Sagradas.

Diante destes fatos, abordaremos com mais detalhes a consequências destes debates para os concílios posteriores ao de Niceia, Constantinopla 381, Éfeso 431.

Capítulo 3 – Consequências dos Debates sobre o Espírito Santo

3. Contribuições do Concílios Ecumênicos

O cenário estava preparado, as tensões cresciam entre os grupos favoráveis ao Espírito Santo e os arianos. Diante destes debates, foi no século IV que a doutrina da Trindade começou a ganhar formato por meio de teólogos que, dedicaram grandes esforços para provar a existência de apenas um único Deus, mas que ao mesmo tempo é trino e perfeito em si mesmo. Dentro deste período 325 a 451, os dogmas da Igreja ganham forma e o cristianismo passa a se solidificar em todos os aspectos.

Os concílios ecumênicos foram a forma escolhida pela Igreja para resolver essas diferenças doutrinárias que traziam diversas interpretações bíblicas, e fundamentar aquilo que a Igreja de fato seguia como dogma. Porém o estado também não poderia aceitar que essas divergências acarretassem em uma divisão no próprio império. A tentativa de Constantino em unificar a Igreja com o estado foi justamente para a civilização que até então enfrentava dificuldade em não ter uma uniformidade religiosa, desconfigurando o próprio império.⁷⁶

Após as breves definições cristológicas serem definidas em Niceia, os próximos concílios darão continuidade naquilo que ficou mal esclarecido em Niceia que acabou resultando em outras controvérsias, como a doutrina do Espírito Santo.

Aqui cabe ressaltar o significado da terminologia da expressão Concílio Ecumênico, que será muito importante entender o significado, a fim de compreender como estes foram importantes para a formulação dos credos.

Concílio ecumênico significa assembleia de bispos e líderes das Igrejas que, são convocados pelo imperador. Dentro destes concílios são discutidos assuntos que são relevantes para a fundamentação doutrinária da Igreja, com o intuito de permanecer fiel as Escrituras Sagradas, com isso os assuntos são exclusivamente relacionados a fé cristã. Todos os assuntos discutidos nos concílios ecumênicos têm poder supremo de jurisdição sobre todas as Igrejas.⁷⁷

O termo "ecumenismo" denota as crenças, princípios ou práticas daqueles que querem trabalhar para a unidade do mundo e da cooperação de todas as Igrejas

⁷⁶ CAIRNS, 2008, p. 111

⁷⁷JEDIN, 1961, p. 2

cristãos. O adjetivo "ecumênico" é usado para identificar o movimento para promover a unidade e a cooperação de Igrejas em todo o mundo.

Estes termos vêm do grego οἰκουμένη (*oikoumene*), que originalmente significava "todo o mundo habitado". A palavra "ecumênico" foi feita pela Igreja dos primeiros séculos para designar conselhos gerais que fizeram credos ecumênicos ou geral. A Igreja Católica Romana reconhece 21 concílios, sendo 7 concílios reconhecidos como ecumênicos. mas não reconhecidos como comunhões ecumênicas, mas concílios ecumênicos que tenta unificar a Igreja através de dogmas gerais.⁷⁸

Os concílios provinciais então diretamente ligados a reuniões de assembleias de bispos locais, de algumas comunidades específicas que são organizados por um líder destas regiões, e a decisões não reflete sobre toda a Igreja, mas apenas nas Igrejas que estão sob autoridade do lidar desta determinada região.

Diferentemente dos concílios ecumênicos que são convocados os líderes representantes de todas as regiões, e todas as decisões tomadas tem poder universal⁷⁹. Antes de abordarmos sobre as resoluções dos debates nos próximos concílios, falaremos um pouco a respeito das duas importantes escolas que, contribuíram significativamente com as reflexões teológicas que culminaram nas decisões dos próximos concílios.

3.1 As Escolas de Alexandria e Antioquia.

Diante dos intensos debates Trinitário do quarto século, é importante conhecermos as duas escolas que tiveram também grande influência nas reflexões teológicas dos teólogos deste período, que refletiram intensamente o pensamento teológico e suas definições.

A primeira escola que abordaremos, é a de Alexandria, situada no Egito, e fundada no ano de 185 d.C.⁸⁰ A intensão desta escola não era simplesmente em converter ao cristianismo os pagãos que seguiam outras doutrinas, como o estoicismo,⁸¹ mas ensinar os fundamentos da verdadeira fé no cristianismo, sendo o

⁷⁸ TAYLOR, Richard. S, "*Beacon Dicionário de Teologia*", 1984, p. 284

⁷⁹ JEDIN, 1961, p. 2

⁸⁰ CAIRNS, 2008, p. 95

⁸¹ ANDRADE, 1998, p. 145 – Filosofia ensinada por Zenão de Citium (340 – 264 a.C.), Ensinava ele que o ideal do sábio deve ser um só: atingir a ataxaria (tranquilidade), através da austeridade e rigidez

desenvolvimento da teologia nesta escola se baseava a partir do entendimento de filosofias clássicas, e preparando e adaptando uma sistematização do cristianismo, com base nessas vertentes.⁸²

Partindo de uma interpretação alegórica, a escola de Alexandria causou sérios danos ao cristianismo devido esta forma não ser apropriada para interpretar as Escrituras Sagradas, em sua totalidade, como afirma Earle E. Cairns.

Esse tipo de interpretação baseia-se na suposição de que a Bíblia tem mais de um sentido. Servindo-se da analogia do corpo, alma, e espírito do homem, sustentavam que a Bíblia tinha um sentido literal e histórico que correspondia ao corpo humano, um sentido moral oculto, que correspondia à alma, e um sentido espiritual subjacente e mais profundo que só os cristãos mais evoluídos espiritualmente poderiam compreender. (CAIRNS, 2008, p. 95)

Esse tipo de interpretação trouxe consequências negativas para a interpretação bíblica, no sentido de buscar sempre uma interpretação que o texto não revela, e encontrar um “possível sentido oculto”, as verdadeiras intenções do autor das Sagradas Escrituras ficavam em segundo plano. Antioquia por sua vez não adotava de forma veemente esta forma de interpretar as Sagradas Escrituras, tendo o foco no sentido literal do texto, preservando mais a intenção do autor.

A perspectiva da escola de Alexandria diverge com a sua concorrente sobre muitas questões, inclusive abordagens soteriológicas, como também a respeito da natureza de Jesus. A posição da escola é que Jesus Cristo é o redentor da humanidade, mas a sua preocupação era em preservar a humanidade da pessoa de Cristo, ou seja, as duas naturezas praticamente se fundiam numa só. O Cristo pré-encarnado e que veio a este mundo, mas que antes de vir possuía na eternidade apenas uma única natureza, a divina, logo após encarnar assumiu também a natureza humana. No entanto, o pensamento da escola de Alexandria a respeito das naturezas de Jesus, é que mesmo encarnando em uma forma “humana genérica”,⁸³ o que prevaleceu foi a sua plena natureza divina, sendo mente e alma substituída por sua natureza divina. Alister Mcgrath, nos dá uma posição a respeito de Cirilo, filho desta escola que defendia esta posição.

Ao afirmar que o propósito do verbo era “encarnar-se” e “torna-se humano”, não estamos afirmando que houve qualquer mudança em sua natureza quando este fez carne, ou que ele foi transformado em um ser totalmente humano, constituído de corpo e alma; mas podemos dizer que a palavra, de uma maneira indescritível e inconcebível, uniu-se a carne dotada de uma

moral. Foi com os partidários desta filosofia e com os epicureus que o apóstolo Paulo, discutiam no areópago em At.17.

⁸² CAIRNS, 2008, p. 95

⁸³ MCGRATH, 2005, p. 419

alma racional. E, assim, tornou-se um ser humano e foi chamado Filho do homem. E isso não ocorreu por um simples ato de vontade ou favor, nem simplesmente pelo fato dele adotar um papel ou assumir uma personalidade. (MCGRATH, 2005, p, 417, 418).

Por outro lado, a escola de Antioquia, situada na Ásia menor (atual Turquia), divergia consideravelmente do pensamento alexandrino. Enquanto que os alexandrinos queriam preservar a unidade do Cristo encarnado, Antioquia tinha a preocupação de preservar e enfatizar a humanidade dele, a ponto de transformar Jesus Cristo não apenas em duas naturezas unidas em uma única pessoa, mas em duas pessoas diferentes, ou seja, duas pessoas unidas em apenas uma só.

Antioquia defendiam essa visão, a ponto de os teólogos antioquenos escreverem sobre essa união das duas naturezas, afirmando que “o Logos assume a forma de um ser humano específico”⁸⁴. Nestório é o defensor desta posição segundo o pensamento da Escola de Antioquia.

Cristo é indivisível pois que é Cristo, mas ele possui uma dupla natureza, pois é tanto Deus quanto ser humano. Em sua filiação ele é um só mais sua natureza é dupla, pois é, ao mesmo tempo, divina e humana. Pois nós não admitiremos a existência de dois Cristos, ou de dois Filhos, ou de dois unigênitos, ou de dois Senhores; nem de um Filho e de um outro filho, nem de um unigênito e de um novo unigênito, nem de um primeiro e um segundo Cristo, mas apenas de um único e mesmo Cristo. (MCGRATH, 2005, p. 419).

Percebe-se que os impasses cristológicos, que resultaram nos próximos concílios, principalmente no Concílio de Éfeso, em 431, que teve como destaque Cirilo defendendo a posição alexandrina, e Nestório defendendo a posição antioquena, justamente discutindo sobre os problemas sobre a natureza de Cristo, são resultados das correntes teológicas que estas escolas trouxeram para o desenvolvimento da doutrina cristã ao longo dos primeiros séculos. Dividindo as regiões do oriente e ocidente pelas diversas interpretações bíblicas, os concílios ecumênicos foram importantes para a unificação da Igreja, trazendo segurança doutrinária, e uma possível estabilidade e controle estatal sobre as questões religiosas.

3.2 Concílio convocado em Constantinopla, 381 d.C.

O imperador Teodósio I, 347 – 395 d.C. ao assumir o poder do império em 379 d.C, convocou no ano 381 o segundo Concílio ecumênico na cidade de Constantinopla, para que as questões levantadas pudessem ser resolvidas, e os

⁸⁴ MCGRATH, 2005, p. 419

dogmas da Igreja estabelecidos. O objetivo deste Concílio foi justamente a tentativa do imperador de conservar e reforçar as decisões de Niceia, e tentar novamente unificar o império, que se fragmentava pelas diversas linhas teológicas, principalmente o arianismo, que confundia as Escrituras na tentativa equivocada de conservar e provar a existência de um único Deus⁸⁵.

O motivo para a convocação deste Concílio, foi por questões cristológicas, ou seja, a respeito da divindade de Jesus Cristo. Devido à falta de conclusões precisas com relação ao Espírito Santo, que o Concílio de Niceia não enfatizou, abriu-se a lacuna para os grupos como macedônios que negavam a terceira pessoa da Trindade.

O Concílio reuniu aproximadamente 150 bispos do oriente, um número inferior ao Concílio niceno. Gregório de Nazianzo presidiu este concílio por um breve tempo, porém diante das tensões impostas pelo imperador para que fosse realizada a substituição pelos bispos egípcios, Gregório de Nazianzo, buscando a paz decidiu renunciar à presidência, tendo como sucessor Nectário.⁸⁶

No entanto, percebe-se que há uma tentativa por parte do imperador em influenciar as decisões do concílio, principalmente em seu discurso inaugural, em que o imperador fez questão de homenagear Melécio de Antioquia.⁸⁷ No entanto após o repentino desaparecimento de Melécio⁸⁸, as tensões se intensificaram, principalmente para ver quem assumiria a Igreja de Antioquia. É neste momento que, Gregório de Nazianzo tenta argumentar a favor de Paulino, porém seus argumentos não são suficientes para vencer a questão. Arberigo Guiseppe contribui com esta questão.

A presença dos recém-chegados deve, sem dúvida, ser atribuída a um convite formal do imperador, como era costume nos conselhos imperiais. Tem sido pensado que Teodósio os convidou após as tensões que surgiram no concílio, mas eles não são apreciados razões suficientes para exigirem uma espécie de compensação pela influência predominante dos Melecianos. Muito provavelmente, o imperador, graças a esta participação expandido, ele queria estender a representatividade do conselho no que diz respeito à Igreja oriental e estabelecer uma base mais sólida para a restauração niceno projetada. (GUISEPPE, 1993, p. 61)

Dentro deste Concílio houve uma tentativa de união com os macedônios, que se posicionavam contra a divindade do Espírito Santo. Para entender as causas que levaram a essa tentativa de união, é necessário lembrar os desenvolvimentos que ocorreram dentro do partido na última década. Por causa das discrepâncias teológicas

⁸⁵ GUISEPPE, 1993, p. 56

⁸⁶ Idem, 1961, p. 20

⁸⁷ GUISEPPE, 1993, p. 57

⁸⁸ Idem, 1993, p. 57

no reconhecimento da divindade do Espírito Santo se destacam as divisões internas do próprio grupo que, se colocavam em oposição ao Espírito Santo, para se aprofundarem nos debates sobre o problema pneumatológico. Na ala doméstica, hostil a doutrina da divindade do Espírito, duas linhas de pensamentos são encontradas. O primeiro grupo moderado, de reflexões filosóficas, e outra mais radical, de sentimento anti-nicenos. A ruptura do partido foi oficialmente sancionada pelo Sínodo de Antioquia (378), onde os macedônios de esquerda, aqui em maioria, romperam a união com os *homousianos*, que durou formalmente desde 366 d.C, e eles formaram sua própria Igreja. Diante desse gesto, os *homousianos* reagiram com especial firmeza.⁸⁹

Após essas tensões, o Concílio decidiu reforçar as decisões tomadas em Niceia em 325, considerando todos aqueles que se opunham ao Espírito Santo como hereges, sendo assim, a linha teológica dos macedônios e arianos foram completamente descartadas. Foi elaborada então uma declaração de fé que incluía o Espírito Santo como integrante da Trindade, como forma de combater qualquer tipo de heresia que pudesse surgir, estabelecendo assim a doutrina da Igreja.⁹⁰

Este concílio menciona no escopo do credo o Espírito Santo como sendo plenamente Deus, ou seja, a fundamentação de que a terceira pessoas da Trindade é da mesma *ousia* do Pai e Filho. Com esta declaração, qualquer lacuna foi completamente fechada, para que não tivesse mais dúvidas com relação a divindade da terceira pessoa. Como vimos acima, o credo Niceno com a seguinte declaração “*Creemos no Espírito Santo*” não foi suficiente para eliminar qualquer dúvida a respeito deste debate, permitindo que heresias e outras formas de interpretações das Escrituras Sagradas pudessem ser introduzidas nos dogmas da Igreja. Logo foi acrescentado ao credo niceno “*Creio no Espírito Santo, Senhor e doador da vida, que procede do Pai e o Filho recebe a mesma adoração e glória, e quem falou os profetas*”.

Ele estendeu o reconhecimento da *homoousia* divina também ao Espírito Santo. Assim, de acordo com o testemunho do ano 382, declarou o Pai, o Filho e o Espírito Santo "uma divindade, poder e "substância", firmando ao mesmo tempo a realidade das três hipóstases ou pessoas [...] O Conselho recebeu a doutrina trinitária dos Capadóciolos, integrando-o ao dogma niceno. Além disso, ele claramente se distanciou das Heresias trinitárias - e entre elas, de forma especial, a dos macedônios, que eles ver colocado no mesmo plano que os eunomianos e os arianos. (GUISEPPE, 1993, p. 62).

⁸⁹ Idem, 1993, p. 59

⁹⁰ Idem, 1993, p. 64

Os decretos de Nicéia permanecem válidos, e as decisões dos Padres inalteradas, e todos os hereges como, pneumatômacos, sabelianos, arianos, macedônios, apolinarismo, são excluídos e excomungados da Igreja.⁹¹

Com as conclusões estabelecidas pelo Concílio de Constantinopla, a unidade de Deus é afirmada e estabelecida como doutrina fundamental para o cristianismo. As importâncias dos Padres Capadóciolos, além de Atanásio que, anos antes defendia esta questão, revela que, o século IV foi privilegiado por ter teólogos em uma única geração que desempenharam um papel de grande importância para as reflexões teológicas, que refletem até os dias de hoje.

3.3 Concílio de Éfeso 431 d.C.

O primeiro Concílio de Éfeso, foi um Concílio cristão convocado em Éfeso, na Ásia menor. Realizado em 431, o Concílio de Éfeso definiu como dogma a maternidade divina de Jesus Cristo, ou seja, que une em si as naturezas divina e humana em uma só pessoa. Maria é “*Theotokos*”, isto é, a mãe de Deus que gerou em seu ventre, por obra do Espírito Santo a Jesus Cristo, o Filho unigênito do Pai, sendo ao mesmo tempo plenamente Deus. No entanto, Maria passa a ganhar destaque como sendo a mãe de Deus.⁹²

Para Nestório (arcebispo de Constantinopla), Maria era apenas a mãe do Cristo-homem, pois a ideia de que Maria seria a Mãe de Deus era inconcebível, uma criatura ser a mãe do criador. A expressão “*Theotokos*”, não era aceita por Nestório, diante da sua visão teológica, Nestório aplicava outra expressão para se referir a Maria “*Christotoko*”, que significa “Mãe de Cristo”⁹³. E para refutar a posição de Nestório, São Cirilo (arcebispo de Alexandria), rejeitou claramente os argumentos de Nestório, afirmando que não podia haver dois Cristos, um homem e outro Deus, mas um só Cristo, que é plenamente Deus e plenamente homem, segundo sua conclusão. Logo, para Cirilo, Jesus Cristo dotava de duas naturezas que coexistiam em um único ser, sem que um anulasse a outra. Portanto, a conclusão de Cirilo é que, Maria não pode ser mãe apenas de uma natureza de Jesus Cristo, no caso específico a natureza

⁹¹ Documentos dos primeiros oitos concílios ecumênicos, 1999, p. 28

⁹² JEDIN, 1961, p. 24

⁹³ GUISEPPE, 1993, p. 71

humana, mas de um Cristo completo, ou seja, a natureza divina e humana, portanto seria correto afirmar que Maria é a mãe de Deus.⁹⁴

Na tentativa de impedir esta heresia, Cirilo pediu ao papa Celestino I (422-432), para que exigisse de Nestório uma retratação. O Papa por sua vez atendeu o pedido de Cirilo e exigiu que Nestório se retratasse, e enviou-lhe uma lista com 12 “*Anathematismoi*”.⁹⁵ Nestório por sua vez ignora o pedido do Papa, e apresentou 12 “*contra-anatematismo*” em que rejeitava abertamente as argumentações do papa. Dentro dos tópicos, Nestório rejeita a Expressão “*Theotokos*” porque Deus somente habitava na natureza humana que ele mesmo assumiu no ventre de Maria.

O imperador Teodósio II, percebendo que esta questão fora motivo de grandes impasses, convocou um concílio ecumênico na cidade de Éfeso, em 431, todos os bispos do oriente e ocidente deveriam comparecer para tratar novamente de questões doutrinárias da Igreja. No Concílio, sendo Cirilo o presidente, prevaleceu a sua interpretação, que encontrava sua fonte na tradição e nas Escrituras Sagradas, especificamente em Lc.1.48⁹⁶. Nestório diante das desvantagens em que se encontrava por causa dos atrasos de alguns companheiros como o Patriarca João de Antioquia e a hostilidade do povo, sendo necessário escolta imperial⁹⁷, não foi possível diante dos argumentos sustentar a posição de Nestório, e sua interpretação foi condenada e ele excluído da Igreja, como afirma Hubert Jedin.

Foi lida também uma série de passagens relativas ao assunto extraídas dos textos dos Padres da Igreja, testemunhando a antiga fé e contrastando com vinte passagens tiradas dos escritos de Nestório. Depois, apressadamente, sem dúvida, procedeu-se à sentença: "Jesus Cristo blasfemado por ele (Nestório) determina, através do Santo Sínodo, que Nestório seja privado da dignidade episcopal e excluído de toda comunidade sacerdotal". 198 bispos presentes assinaram. Entrementes anoiteceu e os bispos voltaram para suas residências aplaudidos, jubilosamente, pelo povo e acompanhados de cocheiros. (JEDIN, 1961, p. 26)

Nem toda a escola de Antioquia foi condenada, alguns como o patriarca João com os seus partidários, não foram considerados hereges, por terem um pensamento moderado quanto as discussões. Cirilo então exigiu que esses moderados se reconcilhassem através de uma confissão de fé que continha a expressão “*Theotokos*”,

⁹⁴ Idem, 1993, p. 25

⁹⁵ ANDRADE, Claudionor Correia, “*Dicionário Teológico*”, 1998, p. 39 “*Anathematismoi*” *Anatematizado*, vem da expressão grega “*anathema*” fórmula usada para se executar a excomunhão nas sinagogas e nas Igrejas primitivas; enfatiza uma maldição mais que acentuada. Ela é própria de Dt.28, onde são encontradas as imprecações contra os israelitas que abandonavam a fé em Deus.

⁹⁶ “*Todas as gerações me chamaram de bem-aventurada*”

⁹⁷ Idem, 1961, p. 24

porém esta reconciliação só seria permitida caso eles se afastassem completamente de Nestório ⁹⁸.

O Concílio de Éfeso não editou um credo específico, mas reforçou que todas as Igrejas devem declarar como obrigatória a expressão “*Theotokos*”, ou seja, que Maria é “Mãe de Deus”. Foram necessárias sete sessões para a discussão das pautas levantadas, em que na sexta sessão, o Concílio decidiu em reforçar o credo niceno e condenar qualquer um que desviasse a doutrina estabelecida pelos Santos Padres, desde o seu fundamento em Nicéia, Constantinopla e Éfeso. Segue um trecho da confissão de Fé.⁹⁹

Parece apropriado que todos concordem com este sagrado credo. É piedoso e suficientemente útil para o mundo inteiro. Mas, como alguns pretendem confessá-lo e aceitá-lo, ao mesmo tempo que distorcem a força de suas expressões para a sua própria opinião e evadindo a verdade, sendo filhos do erro e filhos da destruição, provou ser necessário adicionar testemunhos do sagrado e ortodoxos padres que podem preencher o significado que deram às palavras e sua coragem em proclamá-la. Todos aqueles que têm uma fé clara e sem culpa vão entender, interpretar e proclamá-lo dessa maneira.

Após leituras destes documentos, passou a ser consideradas as seguintes considerações.¹⁰⁰

Não é permitido produzir, escrever ou compor qualquer outro credo, exceto o que foi definido pelos santos padres que estavam reunidos no Espírito Santo em Nicéia. Qualquer um que se atreva a compor ou produzir outro credo para o benefício daqueles que desejam passar do helenismo ou do judaísmo ou alguma outra heresia para o conhecimento da verdade, se forem bispos ou clérigos, eles devem ser privados de suas respectivas funções e se eles são leigos, eles devem ser anatematizados. Da mesma forma, se alguém for descoberto, seja bispos, clérigos ou leigos, pensando ou ensinando os pontos de vista expressados em sua declaração pelo sacerdote Carisio sobre a encarnação do Filho unigênito de Deus ou as visões desagradáveis e pervertidas de Nestório, que estão subjacentes a eles, estes devem estar sujeitos à condenação desse santo e ecumênico sínodo. Um bispo claramente deve ser despojado de seu bispado e deposto, um clérigo a ser deposto do clero, e um leigo deve ser anatematizado, como já foi dito antes.

A teologia refletida pelos Padres Capadócijs, no século VI, resultou na afirmação da doutrina da Trindade. Os hereges foram excluídos do meio da Igreja, e suas heresias finalmente combatidas e vencidas pelos debates. O reforço ao credo niceno reflete a consistência dos argumentos que foram levantados pelos Capadócijs, sendo confirmada pelos dois Concílios posteriores aos Padres Capadócijs, mesmo depois da morte de cada um deles.

⁹⁸ Idem, 1961, p. 29

⁹⁹Disponível em: <https://apologistasdafecatolica.wordpress.com/2018/01/27/o-concilio-de-efesio-431-d-c/>: Acessado, 19/11/2021, às 15:00h.

¹⁰⁰ Idem, acessado, 19/11/2021, às 15:00h.

Fica evidente que, para impedir que os homens se desviassem ou criassem erros e heresias, que de fato aconteceu, a Igreja recorreu a esta forma para conciliar os dogmas da Igreja, fazendo com que todas as regiões do oriente e ocidente, segue a mesma doutrina, além do que, o império pudesse se unificar novamente, mostrando a estabilidade política e religiosa no império.

Outros teólogos importantes também, no século VI e V endossaram as discussões para o desenvolvimento teológico do Espírito Santo, como Agostinho de Hipona, que também contribuiu com reflexões teológicas a respeito da Trindade. Em sua obra intitulada “*De Trinitate*”, Agostinho (354-430 d.C.), também reforça a ideia de um único Deus que é perfeitamente igual ao Filho e o Espírito Santo.

Daquilo em que devemos crer, não duvidemos por nenhuma falta de fé; daquilo que devemos compreender, nada afirmemos temerariamente: no primeiro caso, havemos de nos manter fiéis à autoridade; no segundo, havemos de procurar a verdade. Quanto à questão presente, acreditemos que o Pai e o Filho e o Espírito Santo são um só Deus, que criou e governa todas as coisas; que o Pai não é o Filho, e que o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho, mas são Trindade de Pessoas em relação mútua, e são unidade na igualdade da essência. Procuremos compreender isto, pedindo a ajuda daquele mesmo a quem queremos compreender, e, na medida em que nos é concedido, explicar com toda a atenção e piedosa solicitude aquilo que compreendemos, a fim de que, se também afirmamos uma coisa por outra, nada afirmemos de indigno. (AGOSTINHO, XI, Art. 1.1).

Cada Concílio tem a sua particularidade nos debates, no entanto vemos que os ataques estão direcionados sempre a Segunda Pessoa da Trindade, conseqüentemente atingindo o Espírito Santo. É nítido em perceber como as escolas de Alexandria, e sua forma de interpretar as Escrituras trouxeram contribuições negativas para o desenvolvimento teológico.

Os Concílios esclarecem os debates, e reforçam as decisões de Nicéia, em que é importante para a forma da doutrina da Igreja, sendo que qualquer que construir qualquer dogma que entre em desacordo com credos estabelecidos, devem ser considerados como hereges e excluídos da igreja. sabemos que o império tinha seus interesses pessoais nestas questões religiosas, no entanto, cada Concílio representa o empenho dos teólogos do século VI nas discussões que ainda causavam sérios danos ao cristianismo, tratando como um deus inferior aquele que é o único caminho para a redenção do homem.

Considerações Finais

Diante desta pesquisa realizada, percebe-se a longa trajetória que o cristianismo percorreu para se desenvolver e estabelecer uma doutrina firme e consistente, mesmo após esse período do século VI, o cristianismo ainda continuou passando por diversas modificações, sendo necessário outros Concílios e teólogos importantes para concretizar a doutrina da Igreja, mesmo que os interesses pessoais de líderes religiosos e do estado tenham pervertido os conceitos elementares do Evangelho, atribuindo peso de doutrina. No entanto, como vemos nos primeiros séculos após a era apostólica, a intervenção promovida pelo estado para eliminar os cristãos, e os debates concentrados na pessoa do Filho, a definição de uma doutrina a respeito da Trindade, especialmente sobre uma fundamentação pneumatológica, ou seja, sobre a Pessoa do Espírito Santo, ocorreu um pouco tardiamente.

O sincretismo religioso foi um dos problemas também para a elaboração de uma doutrina pneumatológica, a mistura com a filosofia, entre outras doutrinas pagãs, fez com que diversas correntes teológicas surgissem nos primeiros séculos, como arianismo, montanismo e docetismo, que na tentativa de interpretar as Escrituras Sagradas, utilizando-se de métodos alegóricos, ou desconsiderando a tradição ortodoxa dos apóstolos acabaram cometendo desvios, e alterando a singularidade da revelação, mas, teólogos importantes como Tertuliano, Irineu e Atanásio, defenderam a tradição e a ortodoxia, refutando os hereges que distorceram as Escrituras Sagradas, desconfigurando a verdade absoluta da revelação, ou seja, o Deus trino, porém, único.

Na controvérsia ariana a questão que agitava as mentes dos homens foi a da plena divindade do Filho. Embora esta fosse um constituinte essencial da Trindade, a questão da divindade do Espírito Santo e da Trindade propriamente dita estavam colocadas num segundo plano.

A Igreja e seus principais teólogos, tinham como prioridade em responder essa questão cristológica, e mesmo que com apenas a confirmação de crença ao Espírito Santo, reacendeu o interesse pelo debate, culminando com o seu reconhecimento como plenamente pessoal e consubstancial “*homoousios*” com o Pai e o Filho.

Com o cenário confuso e com diversas reflexões teológicas, os Padres Capadócioc focaram seus esforços justamente naquele que não havia nada definido

até em seu tempo, pois o próprio credo niceno não respondeu precisamente essa questão. E com espaço aberto para novos debates, os opositores não tiveram dúvidas em levantar novamente essa questão que, conseqüentemente, resultaram em debates cristológicos e pneumatológicos.

Através de uma forma singular, cada Padre Capadócio, Basílio de Cesareia, conhecido como, o grande, seu irmão caçula, Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo, amigo de estudos de Basílio e Gregório de Nissa, contribuíram com importantes reflexões teológicas sobre a Terceira Pessoa da Trindade. Cada um dentro do seu próprio estilo, como na forma poética de Gregório de Nissa de se expressar, numa linguagem refinada para argumentar contra os hereges, como na forma em apresentar o “verbo” ou a expressão “Logos”, sendo unicamente direcionada a essa unidade plena e única mesmo destinto em Três Pessoas, no entanto numa interpretação equivocada do conceito Logos, os Hereges compreendendo o conceito a partir da concepção grega, em que se entende como um politeísmo, Ário, entre outros grupos desconsideravam a ideia do Logos, na tentativa de preservar e defender que, existe apenas um Deus, sendo as outras manifestações como sendo subordinadas ao Pai.

Seu irmão, Basílio com uma característica mais agressiva, parte logo sua defesa na má compreensão dos hereges, que a forma como interpretam as Escrituras não é coerente, de acordo com a análise das expressões dos textos bíblicos, como por exemplo 1Cor 8.6. Basílio de Cesaréia considera uma “impiedade” desses intérpretes como utilizam os textos de forma equivocada.

E por último, não mesmo importantes, Gregório de Nazianzo, por meio de uma análise sistemática da Escritura como um todo, observa a unidade de Deus Pai, Filho e Espírito Santo, sendo estes participativos na história humana, sendo apenas revelado no momento certo, mas que sempre existiram e são perfeitamente iguais. Diante dos argumentos que foram levantados pelos Capadócius, os debates em torno da Terceira Pessoa se fortaleceram, levantando novamente as questões cristológicas que havia sido discutida em Niceia.

A essências da doutrina dos Padres Capadócius é que uma única divindade existe simultaneamente em três modos de ser ou hipóteses, ao mesmo tempo é

excluído qualquer subordinacionismo, o Pai permanece sempre como referencia para os Capadócijs, sendo o Pai a fonte ou principio da Divindade.

Até o ano 451, a questão sobre a natureza de Cristo ainda era intenso, mesmo o Concílio em Éfeso definindo como doutrina o pensamento de Cirilo de Alexandria, “*Theotokos*”, sendo Maria a “mãe de Deus”. Porém os debates ainda persistiam, sendo necessário mais um Concílio realizado em Calcedônia, tendo destaque mais uma vez as duas escolas de Alexandria e Antioquia.

Os concílios foram fundamentais para o estabelecimento da doutrina trinitária entre outras pautas. Sendo que a partir de 381 o conceito de Trindade é estabelecido, e passa a ser considerado como dogma fundamental para a Igreja, sendo reconhecida até os dias de hoje. Mesmo o homem incapaz de compreender essa relação em sua totalidade e plenitude, o Deus Trino e singular revela-se aos homens, por meio da sua própria criação sendo a Trindade uma contemplação das coisas eternas como diz Agostinho de Hipona.

Portanto, quando discorremos sobre a natureza da mente humana, discorremos sobre uma espécie de realidade una, e não as dividimos nos dois aspectos que mencionei senão em virtude das suas funções. Assim, quando nela procuramos uma trindade, procura mola em toda ela, não separando a acção racional nas coisas temporais da contemplação das eternas, a fim de procurarmos já um terceiro elemento com o qual se complete a trindade. Mas é necessário procurar uma trindade em toda a natureza da mente de tal modo que, se faltar a acção das coisas temporais – acção que necessite de um meio auxiliar, razão pela qual uma parte da mente é desviada para se ocupar de aspectos inferiores – essa trindade se encontre numa mente una e em parte nenhuma dividida, e, uma vez feita esta distribuição, se encontre, não só uma trindade, mas também a imagem de Deus, naquela parte que apenas respeita à contemplação das coisas eternas; ao passo que, na parte que foi desviada para a acção das coisas temporais, embora se possa encontrar uma trindade, não pode, contudo, encontrar-se a imagem de Deus. (SANTO AGOSTINHO, XII, 4.4)

Referências bibliográficas

- ABBAGNAMO, Nicola – *Dicionário de Filosofia*, ; tradução Alfredo Bosi. - 2 1 ed. - São Paulo : Martins Fontes, 1998.
- ALBERIGO, Giuseppe. *História dos Concílios Ecumênicos* 3. Ed. São Paulo: Paulus, 2005.
- ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. *Patrologia*. São Paulo, Paulinas, 1988.
- ANDRADE, Claudionor Correia de – *Dicionário Teológico*. 1 ed – Rio de Janeiro: Editora CPAD - 1998
- ARCANJO, Francisco, *A cruz como evento trinitário no pensamento de Jurgen Moltmann* – 2014, 126f, Trabalho de Conclusão de Curso (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-Sp, 2014
- BERKHOF, Louis. *História das doutrinas cristãs* (títulos em itálico). Tradução: Gordon Chown e João Marques Bentes. São Paulo: PES, 2015.
- BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal: Do ano mil à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.
- CONGAR, Y. *Creio no Espírito Santo*. Vol. 3. O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CAIRNS, Earle, *o cristianismo através dos séculos uma história da Igreja Cristã* / tradução Israel Belo de Azevedo – 3 Edição – São Paulo; Vida Nova, 2008.
- CESARÉIA, Basílio, *homilia sobre Lucas 12, Homilia sobre a origem do homem, tratado sobre Espírito Santo* – São Paulo; editora Paulus, 1995.
- DANIELOU, Jean & MARROU, Henri. *Nova História da Igreja I. Dos Primórdios a São Gregório Magno*. Petrópolis: Vozes, 1966.
- Documentos dos primeiros oitos concílios ecumênicos*, Tradução: Otto Skrzypczak, Mons; introdução de Urbano Zilles, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999 (Coleção teologia, 19).
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Tradução de Orlando Reis e Carlos Almeida Pereira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FISCHER, Joaquim. *História dos dogmas, história da teologia, história do pensamento cristão Considerações sobre alguns conceitos da historiografia eclesiástica*, Estudos Teológicos, ano 48, n. 1, p. 83-100, 2008
- FOXÉ, John, *O livro dos Mártires*; traduzido por Beatriz Cunha – Jandira, Sp: Principis, 2020.
- GONZALEZ, L Justos, *Uma história ilustrada do cristianismo; a era dos Gigantes*. v. 2 São Paulo: Vida Nova, 1991
- GREGÓRIO DE NISSA, “*El Contra Eunomium, En lá Produccion Literário de Gregório de Nissa*”, Universidad de Navarra, Pamplona- 1988

- GREGORIO DI NAZIANZO. *Tutte le orazioni*. Milano: Bompiani, 2000
- JEDIN, Hubert, *Concílhos Ecumênicos, história de doutrina*; Tradução: Nicolas Boer, Editora: Herder, São Paulo, 1961.
- KLEIN, Carlos Jeremias, *O Espírito Santo nos Pais da Igreja do Quarto Século*. Reflexus, Revista de Teologia e Ciência da Religião, Ano IV, Nº 7, 01/2012.
- J.N.D. Kelly, *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé Cristã* / Tradução: Marcio Loureiro Redondo – São Paulo; Vida Nova, 1994.
- LION, Irineu, *Contra as Heresias* / Editoras Paulus – São Paulo 1ª edição, 1995
- LOYN, Henry R. (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- LOPES, Geraldo. *Patrística pré-nicena*. São Paulo. Paulinas, 2014.
- MATOS, Alderi Souza de. *Fundamentos da teologia histórica*. São Paulo. Ed. Mundo Cristão, 2008.
- MORESCHINI, Claudio. *História da filosofia patrística*. 2º ed. Tradução: Orlando Soares Moreira. São Paulo. Edições Loyola, 2013.
- MCGRATH, Alister, *Teologia Sistemática, História e Filosófica, uma introdução a teologia cristã* / tradução Marisa K. A de Siqueira Lopes – São Paulo: Shedd Publicações, 2005.
- MILLARD J. Erickson, *Teologia Sistemática* / tradução Tiago Abdalla Teixeira Neto – São Paulo: Vida Nova, 2015.
- NAZIANZO, Gregório, *Autobiografia de São Gregório de Nazianzo*, Tradução de Diogo Chiuso - Campinas, SP: Ecclesiae, 2012
- NISSA, Gregório, *Santo bispo da Igreja na Capadócia, 330-395. A criação do homem, A alma e a ressurreição, A grande catequese* / Editora Paulus 1ª edição – São Paulo, 2011
- NOVAES, José Renato. *O PENSAMENTO ANTROPOLÓGICO DE S. GREGÓRIO DE NISSA*. Existência e Arte, Revista Eletrônica do Grupo PET, p. 1 a 4, 1 dez. 2006.
- PELIKAN, Jaroslav. *A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o surgimento da tradição católica 100-600*. Volume 1. Tradução: Lena Aranha e Regina Aranha. São Paulo. Shedd Publicações, 2014.
- R. M. FELIX, Pe. Élcio. *A controvérsia sobre a divindade do Espírito Santo no século IV (d.C.)*. Revista de Cultura Teológica, Universidade Católica de São Paulo, ano OUT/DEZ 2012, v. 20, n. 80, p. 1 a 8, 21 nov. 2012.
- SANTO AGOSTINHO, *De Trinitate* / Trindade, Tradutores : Arnaldo do Espírito Santo / Domingos Lucas Dias / João Beato / Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel Paulinas Editora, Prior Velho, 2007
- SILVA, Maria F. *A linguagem Trinitária de Gregório de Nissa*, Revista de Cultura Teológica, Ano XXII, Nº 83 Jan/Jun 2014
- SILVA, Maria F. *A linguagem Mística de Gregório de Nissa: a inabitação trinitária em perspectiva Kenótica hoje*. Revista de Cultura Teológica, Ano XXIII □ No 86 □ Jul/Dez 2015

SESBOUÉ, Bernard (dir.). *História dos Dogmas I. O Deus da Salvação. Séc. I – VIII*. São Paulo: Loyola, 2002.

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. Vol. I. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____; SCHMITT, Jean-Claude. (Coords.). *Dicionário Temático do Ocidente*. Bauru: Edusc; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2v

<https://domtotal.com/noticia/969648/2015/12/o-espírito-santo-e-o-sao-basilio-de-cesareia>

<https://apologistasdafecatolica.wordpress.com/2018/01/27/o-concilio-de-efesio-431-d-c/>